

Um voo rasant sobre a PUC-Rio em 1977

Uma imagem pode simbolizar um contexto que buscamos compreender. É o caso da foto que registra um helicóptero da Polícia Civil em voo rasant sobre a Vila dos Direitórios, rente ao segundo andar da Ala Frings, em maio de 1977 quando os pilotos da PUC-Rio testemunharam a manifestação estudantil.

mos do movimento estudantil em relação à década anterior: a pauta de reivindicações a partir de 1977 incorporou demandas políticas e sociais amplas como salário e emprego e fortaleceu o tema que catalisaria as esperanças pela redemocratização do país, a anistia política. Convocada para o dia 10 de maio, a manifestação que se somava a tantas outras no calendário estudantil daquele ano, mais expres-

participante Reitoria, o forte reação que isolar traram der de registr O que cor 19



Sessão solene da 61ª Caravana da Anistia, no auditório

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Publicadas pelo Núcleo de Memória no Jornal da PUC

Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves (Orgs.)

RDC re- orgulho e sofrimento
is 14 e 17 histórias de lutas co
a Confed- regime autoritário.

A foto escolhida esta crônica retrata
mento em que mil
como Luiz Carlos P
Zuzu Angel e Augusto
receberam homenagens
mortem. Também foram
menageados pela luta
tra a repressão profess
e funcionários da PUC-
como Leandro Konder, M
riela Augusta Martins Da
dovich, o padre Fernan
Bastos de Avila S.J. e os e
-funcionários Joana Bran
dos dão de Aguiar e Moisés d
Mesquita Melo.

A PUC-Rio acolheu pro
do fessores e pesquisadores
us vítimas de perseguição po
lítica e teve um ativo movi
ta mento estudantil. Muitos
o foram presos e vítimas de
violência. Consciente da im
portância da sua memória e
da abertura para a socieda
de, a PUC-Rio dialoga com
a Caravana da Anistia na
defesa do livre expressar das
opiniões, na busca da verda
de e na luta contra o que não
deve ser esquecido.

EDUARDO GONÇALVES
REQUISADOR DO NÚCLEO
DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

CRONICAS DE MEMÓRIA
Fotografias: Janelas do Tempo

Longa jornada noite afora



Apuração dos votos das eleições para UNE e UEE (05/10/1979)

A foto desta coluna registra um fragmento do processo de abertura política no primeira vez que a UNE utilizou o voto direto nas suas eleições. Elas ocorreram n



ouve a ceram fora de contex
a turma consequência, o jo
ismo da proibido de circular
duou em 15/12/1968. Logo o
de de Fi- assumiram com o
ra-se a Re- um compromisso
ia; haviam censura com con
niversidade até mais insidios
s, entre eles censura explicit
ão Social. ao introjetar no
formada em restrições que
refletiu o seu dos anos foram
as escolhas: o O comite
arma foi Dom nes para ser p
ra, figura de des rera muito a
enfrentamento à do AI-5. Ag
-professor ção Secret
eram p

Crônicas de memória : publicadas pelo Núcleo de Memória no Jornal da PUC / Margarida de Souza Neves ... [et al.] (orgs). – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Núcleo de Memória, 2014.

144 p. : il. ; 16 cm

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - História. I. Neves, Margarida de Souza II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Núcleo de Memória.

CDD: 378.8153

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

*Publicadas pelo Núcleo de Memória
no Jornal da PUC*

*Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington,
Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves (Orgs.)*

Índice

2010 | COLUNAS DA PUC-RIO | 008

Para construir a memória da PUC-Rio | As colunas do Palacete Joppert
Quem faz a história | No Edifício Cardeal Leme | As colunas da Amizade
Se essas colunas falassem... | As colunas da Vila dos Diretórios
A PUC-Rio e o Parque Proletário da Gávea: histórias que se entrecruzam
O Solar Grandjean de Montigny | As colunas da PUC-Rio

2011 | A PUC-RIO e a CIDADE | 030

A PUC-Rio e a Cidade | A Mata Atlântica que emoldura a Gávea
A beleza e a história de um dos caminhos que nos leva à PUC-Rio
O Solar Grandjean de Montigny: um espaço e muitos tempos
Como a PUC-Rio chegou à Gávea | A majestade do rio Rainha
A Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Gávea
A Casa do Marquês | Gávea Operária | O Circuito da Gávea | Levantado do Chão

2012 | UM MAPA DA MEMÓRIA DA PUC-RIO | 054

Um mapa da memória da PUC-Rio | O edifício Cardeal Leme
O padre Leonel Franca: presença múltipla na PUC-Rio | Os caminhos de Alceu
Amoroso Lima | Um reitor engenheiro | Professor Del Castillo na história
e no campus da PUC-Rio | Padre Hainberger e o Instituto de Química da PUC-Rio
O Ginásio Padre Ormino Viveiros de Castro | Pierre Lucie e a arte de ensinar
ciências | A sala Myriam Alonso | Wambier, menino do Rio, da TV e do rádio
Para lembrar do Walmer | As virtudes do professor Junito Brandão
O professor Paulo Fiúza Bocater

2013 | FOTOGRAFIAS: JANELAS DO TEMPO | 090

Fotografias: janelas do tempo | Uma figura inesquecível
Indícios de uma PUC “bossa nova” | MUSP: PUC-Rio e compromisso social
A Caravana da Anistia na PUC-Rio | Padre Röser e a ameaça atômica
O Cruzeiro da Universidade | Longa jornada noite afora | Construção
O vestibular unificado no Maracanã | Um ícone da PUC-Rio

2014 | PARA NÃO ESQUECER | 114

Para não esquecer | Uma caravana de memórias
"Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte." | O discurso e a censura
As universidades de portas fechadas | Anchieta, o filme
Raul Amaro Nin Ferreira, “onde quer que ele esteja” | Um voo rasante sobre a
PUC-Rio em 1977 | Quando a fé e a política se unem | A PUC-Rio nas Diretas Já!
Pra não dizer que não falei das flores | De volta às ruas

Apresentação

Neste volume estão reunidas as cinco séries de crônicas publicadas pelo Núcleo de Memória no Jornal da PUC entre 2010 e 2014.

A parceria entre o Núcleo de Memória e o Jornal da PUC precede as séries e as originou. Sempre afinada e desejada por seus bons frutos, a experiência do trabalho em conjunto foi fonte de inspiração para que o Núcleo se dedicasse à escrita de crônicas a partir de fotografias de seu acervo. Nada mais sugestivo deste encontro fértil entre memória e jornalismo do que o título da coluna, Crônicas de Memória, que, desde sua estreia em julho de 2010, dá nome e formato ao exercício de se fazer “história de coisas miúdas” a que nos dedicamos quinzenalmente.

Tratado como um gênero literário que escapa a definições, escrita ancorada na contradição entre uma pretendida leveza devida ao suporte efêmero e de amplo alcance de público que a originou em sua forma moderna, o jornal do século XIX, e o cuidado em sua elaboração em série que a pereniza como literatura, a crônica pode ser entendida como uma escrita do tempo, comentário subjetivo sobre o real vivido, a matéria do cotidiano. Carrega na etimologia de seu termo definidor a derivação do nome do deus grego Cronos, identificado como a personificação do Tempo.

Nesse sentido, a crônica é uma escrita dialógica cuja marca parece ser a cumplicidade tecida entre o autor e seus leitores na escolha dos temas e questões a serem discutidos a partir dos acontecimentos sociais que os envolvem. Mesmo que tomem como tema episódios pretéritos, históricos, como é o caso das séries aqui reunidas, o cronista e seu público estabelecem um diálogo com o presente. Realizam, assim, a muitas mãos, um exercício de escrita e leitura memorialística.

Os autores das séries aqui publicadas – pesquisadores e bolsistas de Iniciação Científica de vários departamentos e de distintos momentos do Núcleo de Memória –, ao apresentarem uma das interpretações possíveis do que dá sentido à coletividade e selecionarem suas referências,

propõem um diálogo com seus leitores sobre a memória, a identidade e os projetos comuns. Como exemplo, as comemorações dos 70 anos da PUC-Rio, ocorridas em 2010 e que envolveram toda a comunidade universitária, conferem sentido à série Colunas da PUC-Rio, publicada neste mesmo ano. A série registra e comenta imagens do acervo que retratam as colunas arquitetônicas físicas e simbólicas que marcam a história da instituição e assim as ressignifica como marcos da trajetória acadêmica e da memória coletiva da Universidade.

Mais uma perspectiva nos permite justificar a iniciativa de reunir os escritos originalmente publicados em um jornal nas páginas mais duradouras de um livro. No correr da pena do cronista, livre e ligeira, os resultados finais do conjunto não são compreensíveis por suas partes publicadas em separado. Se a forma da crônica é por sua natureza impressionista, fragmentária e subjetiva, a visão de conjunto de suas séries escritas a muitas mãos amplifica cores, formas e texturas de que são compostas, como um caleidoscópio que oferece inúmeras e novas possibilidades de leitura.

Esse é o nosso convite aos leitores: deixarem-se envolver pela visão caleidoscópica do conjunto de fragmentos formado por textos, imagens, histórias, pessoas, lugares, temas e temporalidades oferecidas pelas crônicas, impressões de muitos autores que, ao registrarem uma memória sobre a PUC-Rio, pretendem discuti-la e transformá-la.

Núcleo de Memória da PUC-Rio

2010 | COLUNAS DA PUC-RIO

Para construir a memória da PUC-Rio | 09

As colunas do Palacete Joppert | 11

Quem faz a história | 13

No Edifício Cardeal Leme | 15

As colunas da Amizade | 17

Se essas colunas falassem... | 19

As colunas da Vila dos Diretórios | 21

*A PUC-Rio e o Parque Proletário da
Gávea: histórias que se entrecruzam* | 23

O Solar Grandjean de Montigny | 25

As colunas da PUC-Rio | 27



Pilotis do Edifício da Amizade. 2010.

Fotógrafo Nilo Lima. Acervo do Núcleo de Memória.

Para construir a memória da PUC-Rio

No dia 21 de junho a PUC-Rio amanheceu com algo diferente. Nos pilotis, na fachada do RDC e nos ingressos à Universidade 54 estandartes lembravam que o ano de 2010 é especialmente significativo. A Universidade completa 70 anos e as datas festivas sempre se revestem da possibilidade de *comemorar*, ou seja, de fazer memória juntos.

Nos estandartes que o vento faz esvoaçar sobre os espaços por onde alunos, professores, funcionários e visitantes circulam todos os dias estão inscritos traços de identidade que, ao longo de sete décadas, desenharam o perfil dessa universidade que, coerente com suas melhores tradições, sabe se renovar a cada dia.

Fazer memória é uma das formas de construir identidades. E é na relação entre a memória e os traços plurais da identidade que os alicerces dos projetos de futuro encontram terreno propício, como assinalou

em artigo sempre citado o antropólogo Gilberto Velho. Foi com essa convicção e no desejo de oferecer ao presente e ao futuro um serviço que a Vice-Reitoria Acadêmica, em parceria com o Departamento de História, teve a iniciativa de criar o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Núcleo tem a particularidade de existir no espaço virtual e pode ser visitado através *site* da PUC-Rio (www.puc-rio.br/nucleodememoria). Sua função é múltipla. Em primeiro lugar, localiza, digitaliza e põe à disposição os principais acervos documentais da Universidade, antes dispersos nos vários Departamentos, Centros e na Administração Central, e mesmo em acervos privados. São fotografias, cartas, notícias de jornal, anuários, filmes, depoimentos e todo tipo de registros da vida acadêmica e comunitária que permitem consultas e pesquisas não só sobre a história da Universidade, mas também sobre suas contribuições para as ciências, a cultura e a tecnologia e para a formação de quadros competentes e críticos que atuam hoje nos mais variados setores do país e do exterior. O Núcleo também tem suas próprias publicações e seu *site* oferece ferramentas de trabalho tais como cronologias, mecanismos de consulta de seus bancos de dados, bibliografias, além de hospedar páginas especiais como a que foi elaborada por ocasião do centenário de D. Helder Câmara, professor da PUC-Rio e um dos bispos brasileiros que emprestaram sua voz ao país silenciado nos tempos da ditadura militar. Inclui ainda *retalhos de memória*, crônicas e imagens da nossa memória afetiva, dos espaços significativos do *campus*, e das nossas saudades.

Aberto à colaboração de todos, o Núcleo de Memória da PUC-Rio tem nesse ano do septuagésimo aniversário da Universidade um duplo desejo: ser mais conhecido e consultado pela comunidade acadêmica, e contribuir para que os eventos que sinalizam os 70 anos já vividos apontem os rumos do futuro que queremos, tal como sugere a logomarca da comemoração deste ano.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 01/07/2010, Edição 229 do Jornal da PUC



*Professores e alunos em frente ao Palacete Joppert. c. 1941
Acervo do Núcleo de Memória.*

As colunas do Palacete Joppert

Construir a memória da PUC-Rio significa, entre outras coisas, identificar singularidades constitutivas de sua identidade. Um desses aspectos singulares é tema da série de crônicas “Colunas da PUC-Rio”, publicada a partir deste número do Jornal da PUC.

A comunidade universitária e também a sociedade em geral identificam visualmente a PUC-Rio por aquilo que se tornou a sua marca registrada: os pilotis. Pilares físicos e simbólicos da Universidade, os pilotis têm história e emprestam a sua força imagética a outras colunas arquitetônicas, igualmente simbólicas, na história da Instituição.

As primeiras colunas que se apresentam em nossa história são as que formam a composição clássica frontal do Palacete Joppert. O casarão, localizado na Rua São Clemente, 240, ao lado do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, foi a primeira sede das Faculdades Católicas.

No palacete funcionavam a Reitoria, a Secretaria Geral e a Faculdade de Direito, que, com a Faculdade de Filosofia, formava o núcleo inicial do que viria a ser, em 1946, a Universidade Católica, criada com a integração da Escola de Serviço Social.

A Faculdade de Filosofia ocupava um prédio aos fundos do terreno, onde instalou-se também, a partir de 1948, a Escola Politécnica.

Já nos primeiros anos as colunas compõem o cenário escolhido para os retratos da nascente instituição de ensino e pesquisa.

Silvia Ilg Byington

Artigo publicado em 01/07/2010, Edição 230 do Jornal da PUC



1953.

Fotógrafo desconhecido. Acervo do Projeto Comunicar.

Quem Faz a História

É bem conhecida a poesia de Bertold Brecht (1898-1956) que tem como título *Quem faz a história*. Nos primeiros versos, o escritor pergunta “*Quem construiu a Tebas das sete portas?*”, para lembrar dos que arrastaram os blocos de pedras, e cujos nomes jamais serão lembrados.

Uma das mais belas fotografias do acervo conservado pelo Projeto Comunicar e disponível no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio faz lembrar a poesia de Brecht. Nela, seis operários carregam sobre os ombros o molde em madeira de um dos primeiros pilotis da PUC-Rio. Estão de costas, e seus pés descalços pisam o canteiro de obras em que o sonho do campus da Gávea começava a tomar forma.

Nunca saberemos quem são esses homens, que a sensibilidade do fotógrafo – também desconhecido – capturou em um extraordinário jogo de luz e sombra. Mas a pesquisa do Núcleo de Memória teve a sorte de

2010

poder trazer à luz alguns de seus rostos. Nos arquivos da Reitoria encontramos um recorte do jornal *O Globo* de 26/05/1953 em que os mesmos operários aparecem no momento em que erguem o molde que carregavam na primeira foto. Ao fundo, o Padre Velloso, então Reitor da PUC-Rio, acompanha os trabalhos.

Os Pilotis são, sem dúvida, as colunas emblemáticas da PUC-Rio. E é justo que, nesse ano em que comemoramos os 70 anos da PUC-Rio, a primeira imagem que deles publica a série *Colunas da PUC-Rio* seja uma homenagem a esses anônimos construtores da Universidade.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 03/08/2010, Edição 231 do Jornal da PUC



Pilotis do Edifício Cardeal Leme, anos 1950-1960.

Fotógrafo desconhecido. Acervo do Núcleo de Memória.

No Edifício Cardeal Leme

A construção do Edifício Cardeal Leme foi concluída em 1955 e este se tornou então a primeira instalação erguida na nova sede da Universidade Católica. A série de imagens “Colunas da PUC-Rio” dá continuidade a suas publicações e lembra os pilotis que receberam as primeiras vozes do *campus* da PUC-Rio na Gávea. A Faculdade de Filosofia e a Escola Politécnica foram transferidas da antiga sede na rua São Clemente e ocuparam o Edifício, junto com a antiga capela e a residência dos jesuítas.

Hoje, a aceleração dos passos de alunos, professores e funcionários talvez tenha transformado os primeiros alicerces da Universidade em torres invisíveis. Mas uma pausa na correria sugere um olhar mais cuidadoso e uma conversa com um prédio que guarda seus mistérios. E nesse instante surge a possibilidade de percebermos o tempo se infiltrar

nos espaços internos e externos que interagem com os caminhos percorridos entre as colunas.

O edifício que, com a inauguração em 1965 do Edifício da Amizade – constituído pelas Alas Frings e Kennedy – passou a ser chamado de “Prédio Velho”, revela a presença dos sonhos tecidos pelas horas. Outrora, durante as noites no Cardeal Leme, luzes piscavam e atraíam olhares curiosos. Era o “Cérebro Eletrônico”, o primeiro computador para uso acadêmico instalado em uma universidade na América do Sul. Ocupava toda a área fechada dos pilotis do Leme. Suas dimensões eram descomunais e uma sala estava reservada apenas para o estoque de válvulas sobressalentes. Era de uso essencialmente científico e tinha a finalidade de oferecer recursos à Universidade, e a instituições como o IBGE, o Conselho Nacional do Petróleo, entre outras.

A rampa que eleva o percurso pelo Cardeal Leme demonstra características singulares da sua estrutura: ao elevarmos o olhar e perseguirmos o curso das luzes, nos surpreendemos com a curva que define seu trajeto. Uma curva que conduz os caminhos traçados em seus pilotis ao ponto inicial da sua história e nos incita a perguntar: o que sonhará o tempo a partir de agora?

Paloma Brito

Artigo publicado em 19/08/2010, Edição 232 do Jornal da PUC



Comemoração dos 25 anos da PUC-Rio nos pilotis da Ala Kennedy, 1965.

Fotógrafo desconhecido. Acervo Núcleo de Memória.

As colunas da Amizade

Um dos idealizadores das modernas construções sustentadas por pilotis foi o arquiteto suíço naturalizado francês Le Corbusier. Além da durabilidade, sua defesa baseava-se na facilidade de circulação, estímulo à sociabilidade, ganho de espaço livre e interação entre arquitetura e natureza.

Projetado sob as linhas modernistas, o Edifício da Amizade começou a ser erguido em 1964 e teve a sua primeira ala inaugurada em 1965, ano do Jubileu de Prata da Universidade. Foi batizada em homenagem ao presidente norte americano John Fitzgerald Kennedy, agraciado pela PUC-Rio com o título *Honoris Causa* pouco antes de ser assassinado em 1963.

A inauguração da Ala Cardeal Frings ocorreu dois anos mais tarde, em outubro de 1967, com a bênção e a instalação de uma placa em homenagem ao povo alemão pela contribuição financeira para a realização da obra. Estavam presentes o Embaixador da Alemanha, Erhenfried von

Holleben, e o Cardeal Gottfried Dossing, representante do Cardeal Joseph Frings, ambos agraciados com o diploma e a medalha Cardeal Leme. Além de salas de aula e auditórios, as instalações acolheram a nova Biblioteca, transferida de uma das casas hoje ocupadas pelo IAG, e outros órgãos, como a Diretoria de Admissão e Registro.

Os *pilotis* do Edifício da Amizade são grandes estruturas cilíndricas de concreto e, portanto, monolíticas e imponentes. Entretanto, um olhar mais atento ao entorno da grande passarela que se abre entre eles, revela algo mais. A exuberante natureza do *campus* integra-se com os *pilotis* e com os indivíduos que ali transitam. Além disso, importantes solenidades e eventos institucionais e culturais neles ocorridos contribuíram para transformá-los em espaços simbólicos, icônicos e democráticos, significativos para a memória e para a identidade institucional e comunitária.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 08/09/2010, Edição 233 do Jornal da PUC



Manifestação estudantil nos pilotis do Edifício da Amizade, 11/05/1977.

Fotógrafo desconhecido. Arquivo Agência O Globo.

Se essas colunas falassem...

Quantas gerações de estudantes já circularam pelos pilotis da PUC-Rio? Certamente, muitas. Cada uma delas atribuiu a estas colunas um significado todo especial e particular.

Ao longo da década de 1970, os pilotis foram cenário de inúmeros encontros e manifestações estudantis, nas quais os jovens lutavam pela cidadania que lhes fora negada pelo regime ditatorial então vigente. Reivindicavam não apenas direitos políticos, como, por exemplo, o direito ao voto. Lutavam também – e talvez principalmente – pelos direitos civis que se lhes haviam sido arrancados, isto é, exigiam o direito de ir e vir sem o perigo de desaparecer sem deixar rastro e o direito de expressar-se livremente sem o peso da ameaça da tortura. Em suma, manifestavam-se em prol da liberdade e o faziam em nome de toda a população civil.

As colunas da PUC-Rio eram, nesses encontros, pilares onde se prendiam os cartazes que continham o grito da juventude que o governo autoritário buscava silenciar. Talvez, na memória daqueles que vivenciaram este momento da história da universidade, nas lembranças daqueles jovens que aqui encontraram um lugar mais seguro para se manifestar, seus gritos e reivindicações ainda estejam gravados nessas colunas.

Olhando para esses pilares, não se pode deixar de pensar: “Se essas colunas falassem...”.

Juliana Cordeiro de Farias

Artigo publicado em 24/09/2010, Edição 234 do Jornal da PUC



*Estudantes sentados na varanda de uma das casas da Vila, em 1979.
Fotografia de Alfredo Jefferson de Oliveira. Acervo do professor Alfredo Jefferson de Oliveira.*

As colunas da Vila dos Diretórios

Na PUC-Rio são diversos os espaços que alunos, professores e funcionários desfrutam em seu cotidiano. Salas de aula, pilotis, anfiteatro ou mesmo uma varanda singela e quase escondida pelas árvores da Vila dos Diretórios. Vale sentar-se no muro de uma destas simpáticas varandas sustentadas por pequenas colunas para vislumbrar uma breve história deste pedaço especial da PUC-Rio.

Veremos que estas casas atravessaram décadas sendo caracterizadas em diferentes fases pelas suas diversas utilidades, tendo sido construídas no início do século XX como moradia para os operários das fábricas que então compunham o cenário do bairro. Quando começaram a ser erguidas as instalações da Universidade as casas com as suas pequenas colunas foram ocupadas por alguns daqueles que ajudaram a construir os pilotis. Nas ruas havia movimento de crianças correndo

e nas casas mulheres com as panelas no fogo esperavam a chegada dos maridos.

Com a inauguração do campus em 1955, funcionaram ali alguns institutos, integrando definitivamente esse espaço às atividades acadêmicas. A partir dos anos 1960 o Diretório Central dos Estudantes e os Centros Acadêmicos passaram a ocupar este espaço juntamente com diversas atividades culturais desenvolvidas pelos alunos da Universidade.

Hoje, ao nos recostarmos nos pilares dessas mesmas varandas das donas de casa, crianças, operários, alunos, funcionários e visitantes vemos uma Vila que continua sendo um espaço aberto em constante transformação e que sustenta em suas casinhas um encontro de histórias do passado, do presente e do futuro.

Elisabeth Cordeiro

Artigo publicado em outubro/2010, Edição 235 do Jornal da PUC



Vista aérea do Parque Proletário e de parte das construções da PUC-Rio. 1974.

Fotógrafo desconhecido. Acervo Agência O Globo.

A PUC-Rio e o Parque Proletário da Gávea: histórias que se entrecruzam

Durante seus anos no campus da Gávea a PUC-Rio se expandiu e viu as mudanças e o crescimento do bairro. Os seus pilotes, pilares físicos e simbólicos da universidade, assistiram a chegada de novos vizinhos, assim como se despediu de outros, como as fábricas instaladas no bairro. Muitos alunos, professores e funcionários que hoje olham para o estacionamento da PUC-Rio desconhecem que ali já foi a morada de muitas famílias que durante anos compuseram a vizinhança da universidade.

Bem próximo ao prédio Cardeal Frings ficava o Parque Proletário da Gávea. Construído em 1942, este conjunto habitacional, erguido para ser provisório, viu de perto a instalação da PUC-Rio, compartilhando com a Universidade parte de sua história. Demolido nos anos de 1970, o terreno

foi doado para a PUC-Rio. Hoje o terreno abriga o Núcleo de Competência em Petróleo, o Ginásio, o Instituto Gênesis e o estacionamento.

Durante o período em que suas histórias se cruzaram, muitos funcionários da PUC-Rio foram moradores do Parque Proletário, que também influenciou a vida dos alunos que o viam ao passar pelos pilotis do Edifício da Amizade. Licia Valladares, socióloga e ex-aluna da PUC-Rio, em depoimento ao CPDOC/FGV, afirmou que quando era aluna da universidade, ficava olhando o Parque Proletário nos intervalos das aulas, e que aos poucos se interessou pelo assunto e tornou-se uma especialista na questão da moradia popular e das favelas. Alguns cursos de graduação da PUC-Rio, como Educação e Serviço Social, chegaram a desenvolver projetos de pesquisa e atuação social no Parque Proletário.

Hoje, fica na memória a imagem e as histórias desses homens e mulheres que influenciaram e foram influenciados pela movimentação que se desenvolvia na universidade.

Luciana dos Santos

Artigo publicado em 11/11/2010, Edição 236 do Jornal da PUC



*O Solar nos anos 1950, residência da família Teixeira Soares.
Fotógrafo desconhecido. Acervo de Maria José Teixeira Soares.*

O Solar Grandjean de Montigny

No início do século XIX começa a construção da nova casa da família Montigny, situada no então chamado Caminho da Tijuca. Seu proprietário, o arquiteto Auguste Grandjean de Montigny (1776-1850), projetara um solar alto o suficiente para dele contemplar, além dos cafezais e mandiocais, as águas tranquilas da Lagoa Rodrigo de Freitas e, mais ao longe, o mar. Nessa época, o porão do solar abrigava escravos, bois e alguns animais que eram preparados para as refeições diárias.

No ano de 1938 a construção foi tombada pelo Serviço de Patrimônio Artístico Nacional, atual Iphan. Alguns anos depois, com a criação do campus Gávea em 1951, o prédio foi adquirido pela PUC-Rio, e durante algum tempo ali funcionou a Reitoria. A história do Solar passa, então, a se confundir com a da Universidade. Em 1980 foi restaurado e convertido em Centro Cultural da PUC-Rio, espaço para realização de ati-

vidades culturais e artísticas.

Podemos pensar o Solar Grandjean de Montigny como uma das colunas da PUC-Rio uma vez que, etimologicamente, coluna, do latim *columna*, significa também “do princípio”, “o primeiro”. Assim, o mais antigo prédio do campus Gávea que, no entanto, tem sua principal marca não nas colunas mas nos degraus, nos convida a subir sua elegante escadaria e conhecê-lo melhor. Nos pavimentos superiores são montadas exposições e mostras variadas. O porão, em outros tempos uma triste senzala, hoje abriga o Projeto Portinari, que reúne informações e desenvolve pesquisas sobre a obra do pintor.

Monumento artístico e espaço de diálogo entre a Universidade e a sociedade, o Solar é, assim, um lugar que conta muitas histórias, conecta experiências e esboça os traços de nossa identidade comum. Lugar de memória, não à toa o Solar foi escolhido pela Reitoria da Universidade para sediar a Exposição Comemorativa dos 70 anos da PUC-Rio.

Roberto de Azevedo

Artigo publicado em 30/11/2010, Edição 237 do Jornal da PUC



*Pilotis da Ala Kennedy do Edifício da Amizade. 2010.
Fotógrafo Nilo Lima. Acervo do Núcleo de Memória.*

As colunas da PUC-Rio

Ao longo do ano de 2010, os pesquisadores, alunos de graduação e de pós-graduação que formam a equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio publicaram no *Jornal da PUC*, a convite dos editores, uma série de pequenos textos sobre uma constante arquitetônica presente nos vários edifícios que abrigaram e abrigam as dependências da Universidade: suas muitas e diversificadas colunas.

E foi curioso descobrir que, ao longo de seus 70 anos, a PUC-Rio sempre se edificou sobre colunas, desde os tempos das solenes colunas jônicas do Palacete Joppert até o momento da construção dos emblemáticos pilotis do campus da Gávea, onde esperavam a instalação da Universidade as brancas colunas do Solar Grandjean de Montigny e as discretas colunas que sustentam as varandas das casinhas de operários, transformadas hoje no que conhecemos como a Vila dos Diretórios.

As muitas colunas da PUC-Rio constituem uma metáfora poderosa da vida e da história da Universidade, não só porque conferem leveza às sólidas construções que se erguem sobre elas, mas porque permitem que, nos espaços por elas abertos, abram-se também possibilidades de interação e sociabilidade.

Ao fechar essa série é fundamental lembrar que as colunas não teriam a conotação simbólica que as reveste hoje se não fosse o trabalho constante daqueles que, há 70 anos, fazem que sobre essas colunas físicas se erga uma universidade de pesquisa capaz de fazer da excelência acadêmica e do compromisso social o verso e o reverso de sua memória, de sua identidade e de seus projetos.

São eles as verdadeiras colunas da PUC-Rio, os professores e pesquisadores que empenham o melhor de seus esforços para produzir conhecimento socialmente relevante e para formar gerações de profissionais éticos e competentes; os funcionários que não medem esforços e dedicação e possibilitam as condições para que as atividades fim da Universidade se realizem; os estudantes de graduação e de pós-graduação que aqui se formam e enchem os pilotis com a força da juventude.

E é bom ver que, ao completar 70 anos de vida, as colunas físicas e simbólicas sobre as quais a PUC-Rio se sustenta continuam firmes, porque umas e outras se assentam sobre alicerces sólidos que permitem olhar para o futuro não apenas com esperança, mas com a consciência de quem sabe que é corresponsável por esse futuro.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 16/12/2010, Edição 238 do Jornal da PUC

... moral. A palavra
que remete à força e da
para e justa medida, e mérito e
bedoria.
Nas salas de aula da PUC-
or suas virtudes, sabendo
e a justa medida para
desenvolver pesqui-
ficar-se à publicação
estudos sobre a publi-
ca. Nas palavras de
ter, sua ex-aluna e
ora do Universi-
Brando era um
"generoso"
Brando era um
anchura em
lo em Letras,
da e His-
e His-
universi-
tu no
e pos-
men-
que do cumpri-



Espaço Cultural Professor Junito Brando (2011)



Missa por Dom Oscar Romero, arcebispo de El Salvador em 24/03/1980

'MUSP': PUC-Rio e compromisso social



Assembleia do MUSP. Documentos de Memória para Não Esquecer



Curso e a censura

"Em nome do Estado, pedimos desculpas por essa tristeza e por toda esse sofrimento". A foto retrata o momento no qual Paulo Abrão Pires Júnior, presidente da Comissão de Anistia e doutor em Direito pela PUC-Rio, durante a sessão solene de apreciação dos pedidos de reparação realizada no RDC frase sileiro repara pública, ros con para ma da re, golpe-civi. A 61ª C tia, realizac PUC-Rio el a 17 de agos parte da "C ternacional M rica Latina er. internacional e As Caravanas pretendem ser de construçã

Uma sala em construção. Um altar. Velas acesas. É um grande número de sacerdotes, entre os quais é possível reconhecer os padres Garcia Rubio, Alvaro Barreiro, Antonio Pereira e José Carlos de Lima Vaz. Não fosse a inscrição na faixa presa à parede inacabada, pouco mais saberíamos sobre a janelas que a fotografia aqui impressa abre no tempo. Nela, as palavras do arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, ditas na véspera de um atentado a tiros

"Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte"

EVANDRO TEIXEIRA/ACERVO DO AUTOR



2011 | A PUC-RIO e a CIDADE

A PUC-Rio e a Cidade | 31

A Mata Atlântica que emoldura a Gávea | 33

*A beleza e a história de um dos caminhos
que nos leva à PUC-Rio* | 35

*O Solar Grandjean de Montigny:
um espaço e muitos tempos* | 37

Como a PUC-Rio chegou à Gávea | 39

A majestade do rio Rainha | 41

*A Igreja de Nossa Senhora da Conceição
e a paisagem da Gávea* | 43

A Casa do Marquês | 45

Gávea Operária | 47

O Circuito da Gávea | 49

Levantado do Chão | 51



Bonde que fazia o trajeto do centro da cidade à Gávea, c. 1920. Fotografia Augusto Malta.
Acervo do Museu da Imagem e do Som.

A PUC-Rio e a cidade

Parceria que rende um bom samba a gente não interrompe.

E a parceria entre o *Jornal da PUC* e o Núcleo de Memória, iniciada em 2010, deu um ótimo samba. Assegurou a divulgação de alguns aspectos da memória do vivido que dão espessura ao nosso dia a dia na Universidade e ancoram nossa identidade.

Em 2010 o eixo temático das crônicas era obrigatório: a comemoração dos 70 anos da PUC-Rio nos levou a encontrar nas colunas de vários estilos e épocas o denominador comum arquitetônico das construções que abrigaram e abrigam os diversos prédios da Universidade e a imagem simbólica da firme sustentação da vida acadêmica na PUC-Rio.

Nesse ano de 2011 escolhemos como foco dessas crônicas de memória a relação da PUC-Rio com seu entorno. Por isso vamos ocupar o espaço cedido ao Núcleo de Memória nas páginas do *Jornal* para lembrar

alguns fragmentos da história do bairro da Gávea e da cidade do Rio de Janeiro que deixaram marcas no Campus e na história da cidade.

A imagem do velho bonde da Gávea que até a década de 1960 trouxe estudantes, funcionários e professores todos os dias até o Campus pelos trilhos de uma Rua Marquês de São Vicente que ainda não conhecia engarrafamentos ilustra bem o objetivo da série Crônicas de Memória de 2011. Queremos olhar a cidade a partir da Universidade para não perder o bonde da História e porque sabemos que a PUC-Rio não existe para si mesma, mas para o exercício qualificado da cidadania dos que nela estudam, pesquisam, trabalham ou circulam, sem perder de vista as angústias e as esperanças dos milhões de brasileiros que nunca visitaram o Campus.

Por essa razão os portões da Universidade estão sempre abertos.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 12/05/2011, Edição 241 do Jornal da PUC



Vista aérea da Gávea com a serra da Carioca ao fundo. 2010.

Fotógrafo Nilo Lima. Acervo do Núcleo de Memória.

A Mata Atlântica que emoldura a Gávea

O Ano Internacional das Florestas, instituído pelas Nações Unidas em 2011, trás à reflexão internacional a importância que têm estes ecossistemas para a humanidade. Eles recobrem 30% da superfície terrestre, dos quais 1,6 bilhões de pessoas dependem, assim como resguardam 80% da diversidade biológica conhecida pela ciência.

A Floresta Atlântica encontra-se reduzida a 6% de sua cobertura original no território brasileiro e compõe a paisagem carioca distribuindo-se por toda a cadeia de montanha que a circunda, ainda que seus remanescentes totalizem 16% na cidade do Rio de Janeiro.

A Floresta Atlântica, por possuir elevadas taxas de diversidade e endemismo de espécies (os chamados *hotspots*), encontra-se entre as dez áreas prioritárias para a conservação biológica no mundo. Diferentemente de grande parte das cidades, o ambiente natural atravessa o coti-

diano da população carioca, o que por um lado sensibiliza, mas por outro também impacta.

Os moradores da Gávea ocupam as encostas da serra da Carioca – uma das montanhas que compõem o Maciço da Tijuca – assim como a área de vale, onde, à época do Descobrimento, vicejavam matas frondosas nas altitudes e de menor porte, sobre solo alagadiço, nas áreas de baixada sob influência dos córregos e rios que ali se formavam, como o rio Rainha. Nos séculos XVI-XVII a cultura da cana-de-açúcar se espalhava por toda a região de baixada. Inicialmente nos arredores da Baía de Guanabara e logo depois nos terrenos proximais à lagoa de Camambucaba (atual Rodrigo de Freitas) até beirar os arredores do sopé da serra da Carioca na região atual da Gávea.

Esta parte da serra da Carioca, especialmente a região das Paineiras, Corcovado e Pedra Bonita foi muito frequentada por naturalistas europeus no século XIX que se empenhavam em documentar a rica e diferenciada natureza das florestas tropicais reveladas ao Velho Continente através da coleta de plantas e animais. Destacam-se nesta empreitada Glaziou, Gardner, Martius, Riedel, entre outros, cuja documentação histórica encontra-se dispersa nos acervos biológicos nacionais e, sobretudo, internacionais.

Este valioso patrimônio natural que embeleza nossa paisagem diária presta outros relevantes serviços ambientais à população: manter o equilíbrio climático, as nascentes e cursos d'água, proteger as encostas e propiciar a salvaguarda de inúmeras espécies da fauna e flora que lhes são típicas.

Ainda que documentada ao longo dos anos e localizada ao longo das maiores cidades brasileiras, a Floresta Atlântica ainda é uma lacuna de conhecimento. A forma com que foi destruída, ao longo dos últimos séculos, deve inspirar novas abordagens de pesquisa, tanto quanto ações educativas para que sua fragmentação não se repita em outros biomas brasileiros, sobretudo em tempos de excessiva cobiça nas sociedades contemporâneas.

Profa. Rejan R. Guedes-Bruni

Artigo publicado em 06/06/2011, Edição 242 do Jornal da PUC



Vista da Lagoa Rodrigo de Freitas a partir do alto do Corcovado. São visíveis os aterros que reduziram a sua área para a construção do Jockey Clube e dos bairros da Fonte da Saudade e Jardim Botânico. c. 1920. Fotografia Augusto Malta. Acervo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

A beleza e a história de um dos caminhos que nos leva à PUC-Rio

Vindo para a PUC-Rio pela Zona Sul carioca somos agraciados pela beleza desta cidade. Alunos, professores, funcionários e visitantes antes de chegarem à Universidade passam por alguns dos bairros mais charmosos do Rio: Jardim Botânico, Lagoa e Leblon. São bairros residenciais que guardam um pouco da atmosfera bucólica de outros tempos. Esta região já foi conhecida pelos nomes de Freguesia da Gávea, Chácara Dona Castorina e Freguesia da Lagoa, desconhecidos para a maioria das pessoas que passam por eles hoje em dia.

Além dos nomes, a própria dinâmica da vida nestes bairros era diferente. Outrora classificados como área industrial, estes bairros abrigavam indústrias de tecidos, como a Tecelagem Carioca e o Cotonifício Gávea, e algumas vilas operárias. Esse uso do espaço distingue-se da ocupação anterior das margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde entre os

séculos XVIII e XIX situavam-se o Engenho Real e a Fábrica de Pólvora. O local desta foi escolhido por ser afastado do centro da cidade, pois em caso de acidente haveria menos danos. Desta época restaram poucos registros. Alguns deles são o Jardim Botânico, o Horto Florestal, a capela de Nossa Senhora da Cabeça, a igreja de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, o Solar da Imperatriz e a casa do Marquês de São Vicente, atual Museu da Cidade, esta um exemplo das grandes propriedades da aristocracia carioca que se espalhavam pela região.

A Lagoa Rodrigo de Freitas era muito diferente do que é hoje. Seu formato tão conhecido era outro, e a sua área quase o dobro da atual, ambos modificados pelos inúmeros aterramentos que sofreu. Os moradores do seu entorno também eram outros. Segundo dados do governo do Estado da Guanabara, em 1969 havia cerca de 26 favelas no bairro da Lagoa. Estas foram removidas conforme avançou a urbanização nesta área que chamara a atenção da especulação imobiliária.

A partir da década de 1920 são construídos o Jockey Clube, o estádio do Flamengo e o Jardim de Alá. Estes monumentos vão ajudar a transformar estes bairros no que conhecemos hoje e que fazem o caminho para chegar à PUC-Rio tão bonito e charmoso.

Luciana dos Santos

Artigo publicado em 22/06/2011, Edição 243 do Jornal da PUC



*O Solar nos anos 1950, quando era residência da família Teixeira Soares.
Fotógrafo desconhecido. Acervo Maria José Teixeira Soares.*

O Solar Grandjean de Montigny: um espaço e muitos tempos

No século XIX, a região hoje conhecida como Gávea era uma freguesia rural constituída por fazendas e chácaras que formavam a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, situada no então chamado Caminho da Tijuca. Em uma dessas chácaras, o arquiteto francês Auguste Henry Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), iniciou a construção da residência da sua família, finalizada na década de 1820. Ele projetou um solar que adaptava uma planta residencial neoclássica francesa integrada ao clima tropical, edificado sobre as ruínas do Engenho do Vale da Lagoa em um terreno onde funcionava uma olaria que utilizava mão de obra escrava e havia uma criação de animais para consumo próprio.

Reconhecido por sua beleza e por ser um dos mais significativos exemplares de residência neoclássica produzida em território brasileiro, o Solar foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional, atual IPHAN, em 1938. Com a inauguração do campus da Gávea em 1955, o prédio passou a fazer parte da PUC-Rio e mais tarde a sediar a Reitoria. No ano de 1980, o Solar foi restaurado e transformado em Centro Cultural da PUC-Rio com a finalidade de acolher e promover atividades artísticas e culturais para a comunidade acadêmica e a população da cidade. A partir do final do mês de agosto de 2011, o Solar passou a ser denominado de Museu Universitário.

A riqueza e o interesse do Solar Grandjean de Montigny está em sua edificação e em seus traços, nas exposições de artes plásticas, arquitetura e história que realiza há mais de três décadas e por abrigar o Projeto Portinari. Como monumento artístico e patrimônio nacional, o Solar abre as suas portas para acolher a diversidade intelectual e cultural que caracteriza essa Universidade.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 18/08/2011, Edição 244 do Jornal da PUC



*Construção do Edifício Cardeal Leme, a mata da Gávea como moldura.
c.1954. Fotógrafo desconhecido. Acervo Correio da Manhã/Arquivo Nacional.*

Como a PUC-Rio chegou à Gávea

A Gávea era considerada um subúrbio até as primeiras décadas do século XX. No bairro conviviam chácaras de famílias abastadas e fábricas que se beneficiavam do acesso fácil à água, dos preços baixos dos terrenos e do transporte regular para os operários pelas linhas de bondes. Estes buscaram moradia próxima às fábricas em vilas, casas de cômodos e depois nas favelas que se formaram. As chácaras começaram a se desvalorizar e algumas foram ocupadas por habitações populares.

A PUC-Rio nasceu em 1940 com as faculdades de Filosofia e Direito. Tornou-se Universidade em 1946 ao incluir a faculdade de Serviço Social, no projeto formulado nos anos 1930 para a criação de uma universidade católica para o Brasil. Ocupou no início instalações do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, e logo a necessidade de mais espaço para alunos, laboratórios, bibliotecas e administração tornou-se urgente.

Desde os primeiros anos o fundador e primeiro reitor, Padre Leonel Franca S.J., buscou junto ao Governo Federal um local adequado à construção da Universidade, de forma a que esta pudesse ser uma referência nacional, abranger todas as áreas de conhecimento e atuar no fortalecimento do catolicismo no Brasil. O presidente Getúlio Vargas manifestou-se favorável à doação de terrenos da União. Foram oferecidos terrenos em São Cristóvão, no Caju, em Duque de Caxias, entre outros, todos considerados inadequados.

O Padre Franca propôs ocupar terrenos na Praia Vermelha ou no Jardim Botânico que, porém, já estavam reservados para outros usos. Durante algum tempo a solução pareceu ser a construção de prédios em terrenos disponíveis na Esplanada do Castelo, no Centro do Rio, que atenderiam à intenção de que a Universidade fosse acessível em termos de transportes. Diversas dificuldades levaram a que estes terrenos fossem vendidos.

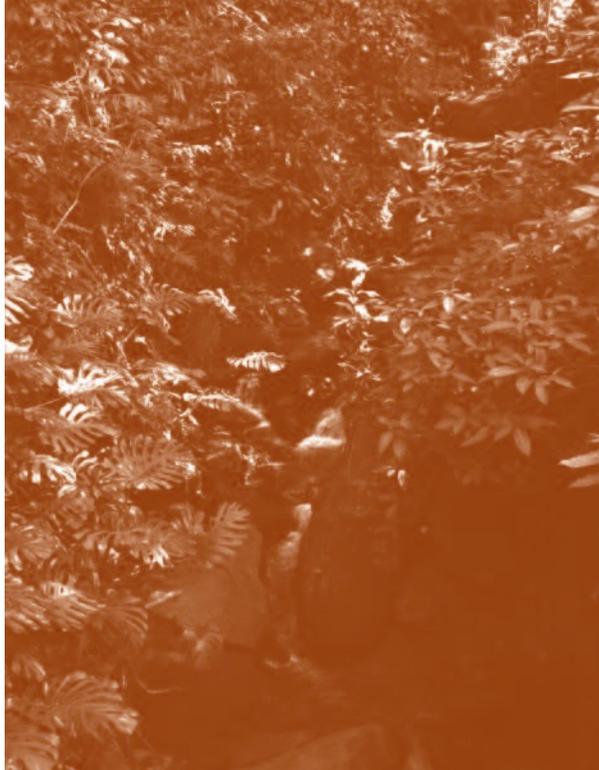
Mesmo sem uma solução definitiva iniciou-se em 1947 uma campanha nacional de arrecadação de fundos para a construção da Universidade. Padre Franca faleceu em 1948, sendo sucedido na reitoria da PUC-Rio pelo Padre Paulo Bannwarth S.J. Foi na sua gestão que os terrenos de diversas chácaras na Gávea foram adquiridos, os quais representam a maior parte do espaço hoje ocupado pela Universidade.

Contribuíram para a escolha desse local fatores diversos. Havia a oportunidade de adquirir terrenos desvalorizados próximos à Zona Sul, onde morava a maioria dos professores e alunos, numa região com clima desde há muito conhecido como “aprazível” – um campus ecológico antes que se falasse nisso -, mas o fator transportes parece ter sido decisivo. Linhas de bondes e ônibus passavam em frente ou próximos aos terrenos, e o Plano Piloto do Distrito Federal, então a cidade do Rio de Janeiro, trazia a perspectiva da construção de um túnel ligando a rua Uruguai, na Tijuca, à praça Santos Dumont. A Universidade estaria a 10 minutos de distância da Zona Norte. Esse, como outros planos urbanísticos e viários no Rio de Janeiro, foi esquecido, retomado e modificado.

Hoje é o Metrô que bate à nossa porta, em um novo contexto de cidade, e em uma Universidade que se dissemina no mundo virtual e em unidades espalhadas pela cidade e pelo Estado.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 06/09/2011, Edição 245 do Jornal da PUC



O Rio Rainha próximo à sua nascente, no trecho em que atravessa o terreno da sede do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da PUC-Rio. 2010.

Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

A majestade do rio Rainha

“No verde seio da serra,/ Nasce o rio generoso”. Nos versos parnasianos de Olavo Bilac, um “nobre” e “feliz” rio surge como “fio d’água”, desliza “sem rumor” por “entre as pedras”, “engrossa”, “cresce” e se converte em “providência da terra”. Bilac não localiza ou dá nome ao rio que lhe despertou tamanha inspiração. Assim, aproveitamos a inspiração e pedimos licença ao poeta para falar de um rio tão nobre quanto generoso para a PUC-Rio: o rio Rainha.

Nascido nas encostas do Maciço da Tijuca, o rio Rainha atravessa o terreno onde fica a sede do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da PUC-Rio, vizinho ao Parque da Cidade, corta o bairro da Gávea e chega até o canal da avenida Visconde de Albuquerque. Originalmente o rio tinha como foz a Lagoa Rodrigo de Freitas e com a construção do canal, na década de 1920, suas águas passaram a ser conduzidas à praia

do Leblon. Essa intervenção, realizada pelo prefeito Carlos Sampaio, visava solucionar os frequentes transbordamentos da Lagoa atribuídos ao aumento da vazão, durante chuvas fortes, das águas do Rainha e de outros rios que ali desaguavam. O rio era visto como ameaça.

Contudo, “do rio que tudo arrasta/ se diz que é violento/ mas ninguém diz violentas/ as margens que o oprimem”, diria Bertold Brecht em momento de inspiração não tão parnasiano. Com o passar dos anos, além das violentas intervenções em seu curso, o homem deixou marcas na qualidade das águas. Outrora cristalino, o rio sucumbe diante dos mais variados dejetos e, numa triste agonia, espuma, escurece, cheira mal. Em silêncio, Sua Majestade sofre.

Ao cruzar o *campus*, porém, o rio que ostenta no próprio nome o foro de nobreza tem sua agonia notada e sua importância reconhecida. Há décadas, projetos variados desenvolvidos por professores e alunos da PUC-Rio buscam soluções ambientais para a recuperação do rio Rainha. Como exemplos, temos a conservação e replantio da mata ciliar que o protege contra o assoreamento; o monitoramento da qualidade da água; a contenção dos dejetos nele despejados, entre outros. É tamanha a reverência, que seu leito foi digitalmente representado e os sons de suas águas captados e reproduzidos na exposição que comemorou os 70 anos da Universidade.

Com suas margens arborizadas o rio Rainha é, para os que frequentam o *campus* Gávea da PUC-Rio, um aprazível local para encontros, descanso e reflexão. Seus súditos o estimam e aclamam por sua generosidade. Sereno, Sua Majestade agradece.

Roberto Cesar Silva de Azevedo

Artigo publicado em 15/09/2011, Edição 246 do Jornal da PUC



Vista aérea de parte do bairro da Gávea, destacada a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Gávea. 2010. Fotógrafo Nilo Lima. Acervo do Núcleo de Memória.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Gávea

Em junho de 2010 o *campus* da PUC-Rio e seu entorno foram fotografados de ângulos incomuns. As imagens aéreas capturaram a paisagem da Gávea em detalhes que escapam aos olhos dos que circulam pelas ruas do bairro, envolvidos pela pressa do dia-a-dia.

Um desses elementos arquitetônicos escondidos, a Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Gávea, foi focado a duras penas pelo fotógrafo voador. Emparedada e sombreada por prédios altos de todos os lados a igreja é camuflada na paisagem na qual se destacava imponente, segundo a iconografia do século XIX e início do XX.

Sobre o antigo cenário bucólico que cativou os pintores dos noventa e poucos, a Igreja tem muito a nos contar. Sua posição fora de esquadro em relação à testada da rua evidencia a sinuosidade do caminho original de nome sugestivo, o Caminho da Boa Vista, aberto em tempos coloniais

nas terras do Engenho de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa para acesso aos limites ocidentais da sesmaria.

Através do nome herdado, a igreja também nos dá pistas valiosas sobre as formas espaciais históricas que marcam, como expressões dos processos sociais, a trajetória de urbanização da cidade. A capela foi construída nos anos 1850 para atender à crescente população desta parte longínqua da freguesia rural de São João Batista da Lagoa. A nova edificação substituiu a antiga capela erigida por Diogo de Amorim Soares no século XVII e consagrada a Nossa Senhora da Conceição, protetora de seu engenho. Em 1873, a capela recém-construída foi escolhida como Matriz e sua padroeira batizou a nova Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Gávea.

A chegada do bonde, nos mesmos anos 1870, a construção de fábricas e de vilas operárias na virada do século, a inauguração do Jockey Club do Rio de Janeiro, nos anos 1920, a instalação do campus da PUC-Rio, iniciada nos anos 1950 e a explosão imobiliária ocorrida a partir dos anos 1970 são alguns exemplos do processo acelerado de ocupação urbana que norteou o crescimento da Gávea e de resto da cidade do Rio de Janeiro durante o último século.

Tão somente por sua permanência como fragmentos de formas espaciais do passado atualizados e reconhecidos por novas funções urbanas e sociais, a Igreja Matriz, assim como o traçado do antigo caminho, os trilhos do bonde visíveis no asfalto da Praça Santos Dumont, os muros grafitados do Jockey ou as palmeiras do arboreto do Jardim Botânico explicitam que o tecido urbano é construção coletiva e histórica. Expressam em sua materialidade os cenários vivos e dinâmicos que compõem a cidade. A seus habitantes resta não perder de vista o conjunto e suas contínuas transformações.

Silvia Ilg Byington

Artigo publicado em 26/09/2011, Edição 247 do Jornal da PUC



*O Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, antiga casa do Marquês de São Vicente.
2009. Fotógrafo Rodrigo Soldon. Acervo particular.*

A Casa do Marquês

Era uma vez, uma ruazinha simpática chamada Rua da Boa Vista da Lagoa, ou simplesmente Bela Vista, localizada na Gávea, bairro que, desde o século XIX, já era procurado por membros da elite para estabelecer suas moradas permanentes ou casas para passar temporadas. Nela, localizavam-se belas chácaras que serviam como refúgio para famílias ilustres que desejavam fugir do tumulto da cidade. Eram, apesar da distância em relação ao centro, casas nas quais se cultivavam hábitos urbanos.

Na Rua da Boa Vista da Lagoa, em seu ponto mais alto, encontrava-se a Chácara do Morro Queimado, onde, no século XVIII, em ambiente provavelmente rural, vivia a senhora Catarina de Sene. Após sua morte, seus herdeiros venderam a chácara ao Barão de Penedo, doutor Francisco Inácio de Carvalho Moreira.

Em 1858, o político e jurista paulista José Antonio Pimenta Bueno (1803-1878), o Marquês de São Vicente, que hoje dá nome à rua tão conhecida pelos frequentadores da PUC-Rio, a comprou. Era comum no Rio de Janeiro do século XIX que famílias urbanas morassem permanentemente fora do núcleo da cidade, o que parece ter sido o caso dessa importante figura do Império do Brasil. Diz-se, inclusive, que o Marquês, em sua chácara, recebia visitas do Imperador do Brasil, Dom Pedro II, o que não surpreende, devido ao seu papel proeminente na vida política do Império.

Após a morte do Marquês, sua viúva viveu ainda na chácara por alguns anos, mas esta acabou por ser vendida. Passou pelas mãos de homens como o empreiteiro português Antônio Teixeira Rodrigues e o senhor João Vieira da Silva Borges, que, em 1931, deu seu nome para a estrada que, posteriormente, viria a ser batizada de Estrada Santa Marinha. Já no início da década de 1930, a casa foi comprada pela família de Guilherme Guinle que pouco depois a doou para a Prefeitura. Esta chácara passou, então, a sediar, a partir de 1941, o Museu Histórico da Cidade e o Parque da Cidade.

Do alto da Estrada Santa Marinha, da chácara do Marquês, que outrora se localizava às margens do crescimento urbano, pode-se hoje observar a trajetória de transformações sofridas pela cidade. Faz jus ao nome do bairro, Gávea, que, em vocabulário relacionado à marinha, significa plataforma situada a certa altura dos mastros.

Ao lado da antiga chácara, funciona hoje o curso de Ciências Biológicas, a mais nova graduação da PUC-Rio. Lado a lado, as duas casas têm em comum a integração com a natureza. Origem do nome da rua na qual se localiza e vizinha de uma de suas unidades, a Casa do Marquês faz parte do universo simbólico que permeia a vida da universidade, mesmo que nem sempre nos demos conta disso.

Juliana Cordeiro de Farias

Artigo publicado em 11/10/2011, Edição 248 do Jornal da PUC



*Operários e máquinas do Cottonifício Gávea. 1936.
Fotógrafo desconhecido. Acervo Sr. John Raschle.*

Gávea Operária

Uma onda aristocrática arrebentou na Gávea em 1933. No domingo de 6 de agosto Mossoró conquistava o primeiro Grande Prêmio Brasil de turfe. Da tribuna de honra do Jôquei Clube o chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, aplaudiu a proeza do puro sangue inglês. Em 1º de outubro Manuel de Teffé, com seu Alfa Romeo, completou o Circuito da Gávea com a assombrosa velocidade média de 67 quilômetros por hora e ganhou o 1º Prêmio Cidade do Rio de Janeiro de automobilismo. Aflitos, os operários encaravam aquilo tudo com certa desconfiança. A tradição operária da Gávea resistiria a essas novidades?

A vocação fabril do bairro remonta ao final do século XIX, quando o Rio de Janeiro experimentou um surto industrial que fez da Freguesia da Gávea uma das áreas mais industrializadas da cidade. As primeiras fábricas foram a Fiação e Tecidos Corcovado, a Companhia de Fiação e

Tecidos Carioca, a Fábrica de Chapéus do Braga e a Fábrica de Malhas São Félix, essa última localizada na Rua Marques de São Vicente, fábrica que posteriormente passou a chamar-se Cotonifício Gávea.

Com a industrialização vieram os operários. Muitos deles, acompanhados de suas famílias, foram viver próximos ao local de trabalho, pois era comum que as fábricas tivessem, em seus próprios terrenos, moradias para seus funcionários. As casinhas da Vila dos Diretórios da PUC-Rio são vestígios dessas construções. A proximidade entre a fábrica e a moradia permitia, por parte dos patrões, ampliar o controle e impor disciplina.

Porém os operários resistiram e criaram alternativas àquele domínio. Agremiações recreativas como o Clube dos Trabalhadores da Carioca organizavam bailes onde era possível escapar aos olhos vigilantes do patrão. Não tardou para que a busca por um par de dança desse lugar à busca por direitos. No avançar das duas primeiras décadas do século XX, greves e outros movimentos que reuniam operários, que defendiam os interesses da classe e, por isso, eram vistos como seguidores de orientações comunistas renderam à região o nome de Gávea Vermelha.

Na década de 1930, contudo, a região passou a adquirir mais rapidamente ares burgueses. Para os operários, o ano de 1933 em especial veio mesmo para cravar-lhes aflições nos peitos. Enquanto a Gávea se aburguesava, Noel Rosa lançava *Três apitos*, canção que conta a paixão não correspondida de um poeta ciumento por uma indiferente tecelã. Os versos “Quando o apito/ Da fábrica de tecidos/ Vem ferir os meus ouvidos/ Eu me lembro de você/ Mas você anda/ Sem dúvida bem zangada/ E está interessada/ Em fingir que não me vê”, mostram que a lógica da fábrica pautava não apenas o universo do trabalho, mas também o mundo privado dos afetos e, por certo provocavam, em não poucos trabalhadores fabris, suspiros que iam se esvaecer por entre o barulho das máquinas. Definitivamente 1933 foi um ano de angústia para os corações operários da Gávea. Incluídos os apaixonados.

Roberto Cesar Silva de Azevedo

Artigo publicado em 01/11/2011, Edição 249 do Jornal da PUC



O público observa atento as baratinhas posicionadas para a largada da corrida na rua Marquês de São Vicente. 1936. Fotógrafo desconhecido. Acervo Agência O Globo.

O Circuito da Gávea

As ruas que cortam a Gávea são diariamente tomadas por veículos que disputam espaço com pedestres no trânsito do bairro. Nas décadas de 1930 a 1950 elas também foram palco de um esporte moderno de grande popularidade à época, as corridas automobilísticas que congregavam pilotos, amantes da velocidade, espectadores e curiosos em torno das baratinhas, como eram conhecidos os carros de corrida.

Entre os anos de 1933 e 1954 foram disputadas no Circuito da Gávea um total de 16 provas, com carros das mais variadas escuderias e pilotos como Chico Landi, Manuel de Teffé e Irineu Corrêa, este o primeiro piloto brasileiro a ganhar uma prova automobilística no exterior, em 1920, nos Estados Unidos. O sucesso do circuito foi tamanho que chegou a atrair pilotos estrangeiros de renome como o italiano Carlo Pintacuda e o argentino Juan Manuel Fangio, que disputou o Grande Prêmio da Cidade do Rio de Janeiro de 1952, logo após conquistar o seu primeiro campeonato mundial na Fórmula 1.

Hoje as ruas asfaltadas e sinalizadas no entorno do *campus* da PUC-Rio na Gávea encobrem parte da história do Circuito. Os seus mais de onze quilômetros de extensão expunham o risco que o esporte oferecia. A largada era realizada na rua Marquês de São Vicente em frente ao portão do Solar Grandjean de Montigny, onde a multidão aglomerava-se diante da Padaria e Confeitaria *Sport*. Os carros desciam até a sede do Jockey Club Brasileiro, percorriam a avenida Visconde de Albuquerque no Leblon, subiam a sinuosa avenida Niemeyer e completavam o circuito pela Estrada da Gávea até o ponto de largada. A velocidade média das baratinhas era de 90 km/h e, para completar a prova, os pilotos davam de 20 a 25 voltas. Os prêmios para os primeiros colocados eram em dinheiro.

Eram precárias as condições de segurança dos pilotos que precisavam desviar dos trilhos dos bondes e dos paralelepípedos, percorrer trechos de terra batida e fazer curvas sinuosas no decorrer do circuito. As ultrapassagens eram muito perigosas, sobretudo no trecho da Niemeyer, pois de um lado há um paredão rochoso e do outro um penhasco sobre o mar. O público que acorria de toda a cidade para o espetáculo se amontoava nas ruas sem nenhuma proteção. Muitos acompanhavam a prova das janelas dos sobrados e em cima das árvores. Os repórteres das rádios ficavam espalhados por todo o circuito para cobrir cada trecho da corrida. O Grande Prêmio de 1935 ficou marcado por um acidente fatal. O piloto Irineu Corrêa perdeu o controle do seu carro, subiu no meio fio, bateu em uma árvore e caiu no canal da Visconde de Albuquerque.

O automóvel no século XX era expressão de um estilo de vida moderno, símbolo de um novo tempo que valorizava a velocidade e a mobilidade e se adaptava ao ritmo frenético das grandes cidades que se expandiam. As ruas que cortam o entorno do campus são testemunhas de uma época na qual o automobilismo tinha grande popularidade entre fãs e admiradores das corridas. O Circuito da Gávea contribuiu para a divulgação do esporte no Brasil, para inscrever o nome do país na rota das competições internacionais e para que muitos dos que não circulavam habitualmente pela Gávea conhecessem melhor o bairro e os primeiros alicerces do novo *campus* da PUC-Rio.

Eduardo Gonçalves



O Conjunto Habitacional projetado por Affonso Eduardo Reidy em foto feita durante a construção da Autoestrada Lagoa-Barra. c. 1981. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

Levantado do Chão

Ninguém poderia prever que o Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente estivesse fadado a perder seu nome, antes mesmo do batismo, para a silhueta sinuosa do desenho do arquiteto Reidy, e que esse “Minhocão”, condenado desde a pia a viver nos subterrâneos da cidade, pudesse ser arrancado da terra e levantado do chão.

De fato, a história do lugar é a de sua levitação. Ela começou quando o interventor federal Henrique Dodsworth deu início a um plano de remoção de favelas do centro do Rio de Janeiro em 1942. Os cinco mil moradores envolvidos foram deslocados para o Parque Proletário da Gávea, em função da tradição operária do bairro. Mas o novo endereço deveria ser provisório. O compromisso da administração pública era fixá-los num conjunto residencial a ser erguido ali mesmo, aos pés do Morro Dois Irmãos, no prazo máximo de seis anos. As pendengas políticas, porém, interromperam a execução do projeto que Affonso Eduardo

Reidy, um dos mais célebres arquitetos do modernismo brasileiro, havia concebido.

O Conjunto finalmente ficou pronto em meados da década de 1950, mas pouco tinha que ver com o complexo residencial que fora projetado. Dos mais de setecentos apartamentos e dos muitos equipamentos de lazer, de saúde, de educação e de outros serviços que apareciam nos desenhos originais, somente o prédio principal virou concreto. E esse não foi o único problema das obras.

A Autoestrada Lagoa-Barra, inaugurada em 1982, não atravessou apenas o bairro, mas também o próprio Minhocão, ignorando novamente o projeto de Reidy. Os atropelos, no entanto, não foram apenas na engenharia. Os velhos vícios da política brasileira acabaram por transferir a maioria das unidades habitacionais para funcionários da máquina pública do estado da Guanabara, enquanto as famílias do Parque Proletário que não foram contempladas, uma vez desalojadas e sem destino seguro, ficaram suspensas no ar. Infeliz ironia a de que muitas delas tiveram de procurar abrigo na Cidade de Deus!

Mesmo o Minhocão parecia flutuar na Gávea. Vizinho do suntuoso Jardim Pernambuco, no Alto Leblon, e tão próximo de algumas das mais importantes referências culturais e sociais da elite do Rio de Janeiro, como o Jóquei Clube e a PUC-Rio, ele desafiava o seu entorno. Tanto teve de lutar contra estereótipos que dominou a arte da esquiva, e ainda que estivesse ali, cimentado no chão da Zona Sul, encrustado na pedra e na paisagem, não estava mais em lugar algum. Não demorou para que fosse um forasteiro em seu próprio território. Associado à violência, à desordem, ao barulho e à sujeira, o Minhocão foi apropriado de maneira preconceituosa pelo imaginário de muitas pessoas. Nos últimos anos, ainda que muito lentamente, os cariocas começam a conhecê-lo melhor. Cada vez mais pessoas o procuram para morar, suas repúblicas estudantis o ajudam a rejuvenescer e sua arquitetura já ganhou até o cinema. Mas o Rio de Janeiro ainda está tão longe!

“Levantado do chão”, como o romance de José Saramago, o Minhocão ainda se ergue sobre a cidade que o levantou.

Pedro Fraga Vianna

Artigo publicado em 21/12/2011, Edição 251 do Jornal da PUC



Missa por Dom Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, assa do em 24/03/1980

Uma sala em construção. Um altar. Velas acesas. É um grande número de sacerdotes, entre os quais é possível reconhecer os pastores Garcia Rubio, Álvaro Barreiro, Antonio Pereira e José Carlos de Lima Vaz. Não fosse a inscrição na faixa presa à parede inacabada, pouco mais saberíamos sobre a janela que a fotografia aqui impressa abre no tempo.

Nela, as palavras do arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, ditas na véspera do assassinato a tiros de seu corpo e sua morte

E a razão pela qual a braçadeira não foi na pequena capela bem ao lado fica clara nas fotos que mostram o grande salão inacabado repleto de estudantes, professores e funcionários.

Nos anos 1980, as matrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a reflexão teológica da libertação, a organização do povo em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) uniram forças com outras instituições, com outras matrizes de pensamento e outros grupos sociais na mobilização que levou à lenta abertura política e à democratização. Na PUC-Rio, como em toda a cidade, os debates



Helicóptero da Secretaria de Segurança Pública sobrevoa o bloco estudantil em 10/05/1977. O bloqueio policial isolou o bloco

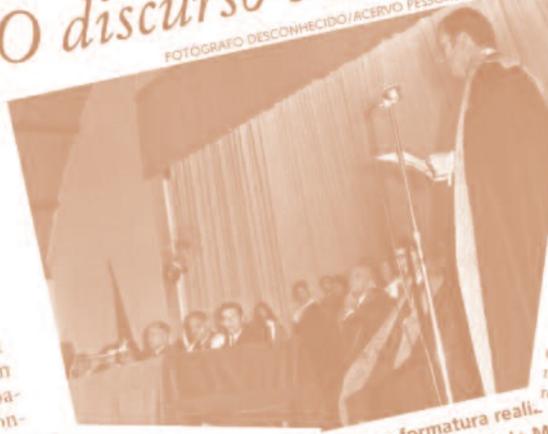
Um voo rasantíssimo sobre a PUC-Rio em

Uma imagem pode simbolizar um contexto que buscamos compreender. É o caso da foto que registra um helicóptero da Polícia Civil em voo rasantíssimo sobre a Vila dos Diretores, rente ao segundo andar da Ala Frings, em maio de 1977 quando os pilotos da PUC-Rio testemunharam a maior manifestação estudantil da história da Universidade. Desde o início do ano, os campi universitários foram ocupados pelos estudantes em greve por melhores condições de ensino, contra aumentos mensais e pela reorganização de suas entidades representativas consideradas ilegais pela ditadura. No entanto, como uma mudança de ru-

mas do movimento estudantil em relação à década anterior, pauta de reivindicações a partir de 1977 incorporou demandas políticas e sociais amplas como salário e emprego e fortaleceu o tema que catalisaria as esperanças pela redemocratização do país, a anistia política. Convocada para o mês de maio, a manifestação se somava a tantas outras no calendário estudantil do ano, tornou-se a mais participativa da comunidade acadêmica, das representações de vários sindicatos políticos, líderes sindicais e presos, desertores e exilados. Reuniu uma grande imprensa, ce-

O discurso e a censura

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO / ACERVO PESSOAL DE ALBERTO D



curso na formatura realizada por padre Laércio Dias de Marmindo Viveiros, S.J. (1968)



ouve a consequência proibida de 15/12/1968. assumiram um compromisso de censura com a universidade até mais i censura ao intro restrições dos anos O O nes pa rera do A ço S

2012 | UM MAPA DA MEMÓRIA DA PUC-RIO

Um mapa da memória da PUC-Rio | 55

O edifício Cardeal Leme | 57

*O padre Leonel Franca: presença
múltipla na PUC-Rio*

Os caminhos de Alceu Amoroso Lima | 61

Um reitor engenheiro | 64

*Professor Del Castillo na história
e no campus da PUC-Rio*

*Padre Hainberger e o Instituto de
Química da PUC-Rio*

O Ginásio Padre Ormindo Viveiros de Castro | 72

Pierre Lucie e a arte de ensinar ciências | 74

A sala Myriam Alonso | 77

Wambier, menino do Rio, da TV e do rádio | 80

Para lembrar do Walmer | 83

As virtudes do professor Junito Brandão | 85

O professor Paulo Fiúza Bocater | 87



Sinalização do campus que identifica o Edifício Cardeal Leme. Fotografia Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória. 2012.

Um mapa da memória da PUC-Rio

No início do ano uma senhora me parou nos pilotis do Kennedy para perguntar onde ficava o Edifício Leme. A explicação não foi difícil, mas a segunda pergunta dela me fez pensar: *“todos os prédios da PUC têm nomes de bairros da cidade?”*. A senhora, que vinha fazer a matrícula do filho, ficou surpresa ao saber que o Leme que dava nome ao prédio que procurava não era o bairro carioca, mas D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, o Cardeal Leme, arcebispo do Rio de Janeiro e responsável, juntamente com o Padre Leonel Franca S.J., pela fundação da PUC-Rio em 1940.

A pergunta daquela mãe de aluno foi tema de uma discussão animada da equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Quantos, entre os professores mais recentes da Universidade, sabem por que a sala em que se reúnem com o Vice-Reitor Acadêmico leva o nome de Myriam Alonso?

Que estudantes de Física sabem quem foi o Professor Pierre Lucie, cujo nome preside os Laboratórios de Ensino do Departamento? Quantos alunos do Departamento de História sabem quem é o Walmer que empresta seu nome à sala onde se realizam as defesas de mestrado e doutorado? E será que todos sabem identificar o Professor Junito Brandão, que nomeia o anfiteatro no jardim do Campus?

Tal como acontece com a toponímia da cidade, que constitui uma peculiar lição de história, os nomes atribuídos aos edifícios, salas, bibliotecas, auditórios, laboratórios e demais espaços da PUC-Rio contam algo de sua história e desenham um mapa simbólico da memória da Universidade.

Para retrair esse mapa e conferir novos sentidos à homenagem feita a alguns professores, funcionários e ex-alunos, o Núcleo de Memória quer dedicar a série de crônicas que escreve no *Jornal da PUC* ao longo desse ano a rever quem foram essas pessoas cujas vidas, um dia, ajudaram a escrever a história da Universidade e que batizam, hoje, espaços por onde todos circulamos.

Revisitar essas vidas será uma ocasião para redescobrir um dos mapas da memória inscritos no *campus*.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 21/03/2012, Edição 252 do Jornal da PUC



O primeiro edifício do campus da Gávea inaugurado em 1955 e batizado, em 1968, como Cardeal Leme. c. 1958. Fotografia desconhecido. Acervo do Núcleo de Memória.

O edifício Cardeal Leme

Percorrer o *campus* da Gávea para identificar sua toponímia e, a partir dela, construir um mapa da memória inscrita em seus espaços nos desafia a compreender a densidade da trama que tece a memória.

De início, uma questão se impôs. Qual seria o primeiro registro deste mapa simbólico do campus? A primeira edificação inaugurada ou o espaço consagrado àquele que, na história da Universidade, ocupa o lugar de fundador? Decidimos que o mapa deveria percorrer as sete décadas de história da PUC-Rio e sublinhar aqueles nomes que, por distintas razões, são representativos de cada uma delas.

O percurso é iniciado com o Cardeal Dom Sebastião Leme de Silveira Cintra. Bispo Auxiliar e Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro de 1911 até sua morte em 1942, Dom Leme teve atuação política destacada em âmbito nacional e como líder dos grupos católicos nas décadas de 1920 e 1930. Criou entidades que pretendiam organizar a participação

dos católicos na vida pública, como a Ação Católica Brasileira, a Liga Eleitoral Católica e, especificamente no campo intelectual, o Centro Dom Vital e o Instituto Católico de Estudos Superiores.

No início da década de 1930, ganhou força o projeto, idealizado por ele e pelo Padre Leonel Franca S.J., de fundação de uma universidade que, em compasso com o tema da direção intelectual da sociedade brasileira e com os objetivos de reforma social defendidos pela Igreja naquele momento, deveria atuar em âmbito nacional. Em 1940 aprovaram-se os *Estatutos das Faculdades Católicas*, criadas para constituírem-se em uma “*Universidade Católica para o Brasil*.”

O Cardeal Leme empresta seu nome, desde 1968, ao primeiro edifício construído no campus da Gávea, prédio inaugurado bem antes desta data, em 17 de julho de 1955. A inauguração foi parte da programação oficial do 36º Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro e está bem documentada pelo programa oficial do Congresso e por fotografias e matérias na imprensa carioca que identificam o prédio com o próprio campus universitário. Outro registro da solenidade fundadora, este inscrito no próprio edifício, é uma placa com dizeres em latim instalada no pilotis, acima de um dos elevadores do Leme. No *Anuário* de 1955 o fato é registrado por fotografias e pelo histórico que identifica os primeiros órgãos acadêmicos e administrativos a ocupar o *Edifício Central* que, após a inauguração do Edifício da Amizade, em 1965, passou a ser reconhecido pela comunidade como “o prédio velho”.

Da homenagem prestada em 1968 ao Cardeal, provavelmente pelos 25 anos de sua morte, não foram encontrados registros. Os indícios que nos levam a essa data são as primeiras referências ao *Edifício Cardeal Leme*, citado no precioso *Anuário* de 1968 como endereço dos novos departamentos, laboratórios e demais unidades criadas pela Reforma Universitária implementada na PUC-Rio em 1967 e que veio consolidar a implantação de um novo modelo de Universidade.

A rede de temporalidades de que é feito o mapa sugerido indica que a memória se constrói no presente pelo entrelaçamento de espaços e tempos, de indivíduos e coletividades, de identidades e projetos, de lembranças e esquecimentos.

Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 13/04/2012 no Jornal da PUC, Edição 253



A avenida Padre Leonel Franca é hoje o principal acesso ao campus da PUC-Rio. 2011.

Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

O Padre Leonel Franca: presença múltipla na PUC-Rio

Ao caminharmos no bosque do *campus*, somos surpreendidos por uma construção que compartilha o espaço com a exuberante mata e o rio Rainha, localizada ao lado do IAG. O edifício inaugurado no dia 16 de março de 1973 foi feito para residência dos padres jesuítas e de professores visitantes. A construção remete a uma personalidade fundamental para a instituição, um homem que sabia combinar discrição e ação.

Gaúcho da cidade de São Gabriel, o Pe. Leonel Edgar da Silveira Franca S.J., obteve o título de Doutor em Filosofia e em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma em 1924.

Em 1931, o Pe. Franca foi nomeado para o Conselho Nacional de Educação. Designado pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, ele e um grupo de intelectuais católicos, entre os quais o Prof. Alceu Amoroso Lima, se empenharam na tarefa de planejar e fundar as Faculdades Católicas.

Em sua extensa rede de correspondência e contatos, encontra-se uma carta manuscrita enviada ao ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, na qual solicita a autorização para o funcionamento dos cursos da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, concedida em 1940. Em 1941, na presença de Dom Sebastião Leme e do ministro Gustavo Capanema, os cursos foram oficialmente instalados no Palacete Joppert, em Botafogo, e o Pe. Franca foi nomeado o primeiro reitor das Faculdades Católicas.

Mapear e identificar os espaços que prestam homenagem ao primeiro reitor da PUC-Rio é fazer um trajeto pela sua história e pelos traços da sua atuação nos anos fundadores. Em 1942, o Pe. Franca foi homenageado com um medalhão em bronze. Em 1973, no 25º aniversário de sua morte, o medalhão foi transferido para o campus da Gávea, espaço que concretizou o seu sonho de construção de uma sede definitiva para a Universidade Católica.

O Pe. Franca empresta o seu nome, desde 1983, à fundação responsável pela gestão de projetos e programas de ação da Universidade. Nos anos 2000, os andares que ainda serviam de moradia aos padres e professores visitantes passaram a abrigar a Fundação Padre Leonel Franca e o prédio ganhou o nome do primeiro reitor da PUC-Rio. A placa de identificação instalada na entrada do edifício é um dos registros no campus que documentam sua importância para a Universidade.

Em 1951, no lançamento da pedra fundamental do novo *campus* na Gávea, a avenida que conduz a uma das entradas da PUC-Rio passou a se chamar Padre Leonel Franca. A palavra avenida, do latim *advenire* que significa vir, chegar, remete ao árduo caminho trilhado nos anos fundadores que agora se abre para a perspectiva de uma universidade na qual o ensino, a pesquisa, a extensão e o compromisso social caminham lado a lado na história e na memória da PUC-Rio.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 02/05/2012, Edição 254 do Jornal da PUC



A Alameda Alceu Amoroso Lima, na Vila dos Diretórios. 2012.
Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

Os caminhos de Alceu Amoroso Lima

Ao percorrermos a documentação sobre o *campus* encontramos referências a Alceu Amoroso Lima em dois espaços físicos, ambos significativos se relacionados à sua trajetória pessoal e aos caminhos da memória inscritos na toponímia da Universidade. Um deles é a alameda central da Vila dos Diretórios. O outro, a pequena praça em frente à casa da Editora e da Agência PUC-Rio, ao lado da DAR (Diretoria de Admissão e Registro).

Alceu Amoroso Lima foi um dos fundadores da PUC-Rio e professor titular de Literatura Brasileira até sua aposentadoria em 1963. Sua ligação com a Universidade decorre de sua liderança como intelectual católico desde os anos 1920 e de sua proximidade com o Pe. Leonel Franca S.J., primeiro reitor da PUC-Rio. Ambos atuaram na criação do Instituto Católico de Estudos Superiores em 1932 e, em 1940, foram indicados pelo

Cardeal Sebastião Leme para coordenar a comissão que elaborou o projeto das Faculdades Católicas.

Após a morte do Cardeal Leme em 1942, Alceu aos poucos afastou-se da atuação direta em entidades católicas, mas continuou a ser uma referência para o laicato católico brasileiro. Nessa condição, participou do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, e identificou-se com a atualização proposta pelo papa João XXIII e pelos documentos do Concílio.

Nas colunas que, desde a juventude, publicou em diversos jornais, Alceu utilizava o pseudônimo Tristão de Athayde. Nelas tornou-se, nos anos de ditadura militar, voz e referência para os movimentos de resistência. Os universitários viam nele um interlocutor, e foi numerosas vezes escolhido para ser patrono de formandos na PUC-Rio e em universidades de todo o Brasil.

A iniciativa de homenagear Alceu dando seu nome a um dos espaços da PUC-Rio veio no contexto do primeiro projeto *Memória da PUC-Rio*, em 1986, e concretizou-se em julho de 1987. Explicitada em texto do então Reitor Pe. Laércio Dias de Moura S.J., implicava em “*erigir marcos indelévels*” em reconhecimento a pessoas importantes na história da Universidade. O nome de Alceu Amoroso Lima foi dado “*a uma das vias principais*” do campus.

A Praça Alceu Amoroso Lima foi nomeada em 2002, mas não está registrada em nenhum dos mapas do *campus* a que tivemos acesso. Ver o nome de Alceu no endereço da Editora PUC-Rio parece acertado, dada a sua caudalosa produção literária.

Mesmo a alameda da Vila dos Diretórios só aparece com o nome de Alceu Amoroso Lima em um mapa produzido por ocasião da homenagem em 1987. Ao procurarmos hoje no campus a identificação na Vila dos Diretórios nos deparamos com uma placa em que se lê “*Alameda Dra. Regina Feigl*”, outra homenageada na mesma ocasião. Nos documentos do acervo da Reitoria, no entanto, a alameda Regina Feigl consta como a da entrada pela rua Marquês de São Vicente, na qual não há placa de identificação.

Professor por longos anos da PUC-Rio e um de seus fundadores, Alceu Amoroso Lima empresta ainda seu nome à medalha que traz sua efígie e que desde 1993 a Universidade outorga aos que se destacam em sua atuação em defesa da ética e da cultura. E cabe lembrar que a revista acadêmica publicada pelo Departamento de Comunicação intitula-se *Alceu*.

Nomear a alameda da Vila dos Diretórios é adequado ao espírito inquieto, público e conectado com o seu tempo do Dr. Alceu. Nas palavras do Pe. Laércio no evento que marcou a nomeação deste espaço, Alceu “...*estará assim vivo entre os alunos, no meio do burburinho de suas atividades*”.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 18/05/2012, Edição 255 do Jornal da PUC



O Edifício Pe. Pedro Belisário Velloso Rebello S.J., localizado ao lado do Rio DataCentro. 2012.

Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

Um reitor engenheiro

A homenagem feita pelo Departamento de Informática ao Padre Pedro Belisário Velloso Rebello S.J., ao batizar com seu nome o edifício sede de alguns de seus laboratórios, fornece mais um registro no mapa da memória inscrita no *campus* e permite recordar uma das figuras centrais na história da PUC-Rio.

O prédio discreto, localizado ao lado do Rio DataCentro e inaugurado em meados dos anos 1990, resulta das ampliações e reformas feitas na casa construída no início dos anos 1970 para abrigar baterias cedidas pela Marinha do Brasil à PUC-Rio e que serviam de *no-break* para o computador *mainframe* do RDC. Um detalhe arquitetônico singular da atual construção é o telhado suspenso que dá aspecto *sci-fi* ao conjunto sóbrio. Foi colocado após inúmeras jacas, com sua indiscrição característica, arruinarem o telhado original dos laboratórios lá instalados e a concentração de seus pesquisadores.

Uma placa afixada, em 1997, na entrada do prédio formaliza a homenagem ao Padre Velloso e sintetiza os traços biográficos eleitos por seus idealizadores para justificá-la. Nela se lê: “Pe. Pedro Belisário Velloso Rebello S.J. 1902 – 1993. Engenheiro, depois Sacerdote Jesuíta. Grande promotor do Operariado Cristão, Reitor da PUC-Rio em dois períodos e Provincial dos Jesuítas do Brasil Central.”

Padre Velloso era engenheiro formado pela Universidade do Brasil e autor de projetos de grande porte como a construção do dique da Ilha das Cobras quando, em 1933, entrou para o noviciado da Companhia de Jesus. Ordenado sacerdote em 1941, tornou-se Secretário do Padre Leonel Franca S.J. na Reitoria das Faculdades Católicas e foi nessa posição que empenhou-se na concepção e implantação da Escola Politécnica, tendo sido seu primeiro diretor, e no projeto de uma nova sede para a Universidade.

Sempre discreto, o Padre Velloso comandou, já como reitor, todas as etapas da construção do *campus* da Gávea, espaço físico e simbólico do “patrimônio aplicado no ensino e na pesquisa científica”, nas palavras de Padre Franca. Inaugurado em 1955, o novo campus atualizou o projeto fundador das Faculdades Católicas em direção a novos tempos em que a relação complementar entre ensino e pesquisa se concretizaria como prática acadêmica e como marca de identidade da PUC-Rio.

Como bem registra a placa comemorativa, Padre Velloso aliava suas atividades acadêmicas a um intenso compromisso pastoral junto aos Círculos Operários e aos trabalhadores pobres. Assumiu, antes mesmo do início das obras do novo *campus*, o cargo de assistente eclesialístico do Parque Proletário da Gávea, onde fundou uma Congregação Mariana de Operários. Logo depois criou a Escola de Líderes Operários, ligada à Escola de Serviço Social da PUC-Rio, e que foi um núcleo de formação de importantes lideranças que conquistaram posições decisivas em sindicatos do Rio de Janeiro.

Também em 1951, iniciou sua atuação de catequese e de promoção social na favela Santa Marta, em Botafogo, atividade que manteve até o fim da vida. Na toponímia da favela, tão diversa do espaço do *campus*

universitário planejado e construído pelo “reitor engenheiro”, a presença do jesuíta é lembrada na principal rua de acesso aos becos e vielas do morro e no Centro Comunitário, ambos batizados com seu nome. Quando as ruas e becos do Santa Marta receberam nomes, para que fosse possível o trabalho de entrega de correio e a operacionalização de outros serviços públicos, o critério era que nenhuma pessoa viva receberia a homenagem. Única e merecida exceção, decidida por unanimidade em assembleia dos moradores: o Padre Velloso. Seu nome na “Avenida Pe. Velloso”, que atravessa o morro inteiro, e no prédio do Departamento de Informática manifesta o reconhecimento da vida e da obra desse engenheiro que se tornou jesuíta e que sempre soube integrar o compromisso com a universidade, com a ciência e com a justiça.

Silvia Ilg Byington

Artigo publicado em 14/06/2011, Edição 256 do Jornal da PUC



Prof. Carlos Alberto Del Castillo no álbum de formatura da Escola Politécnica da Universidade Católica em 1957. Acervo da Reitoria.

Professor Del Castillo na história e no campus da PUC-Rio

A formação e o crescimento da PUC-Rio são resultado da colaboração de muitos homens e mulheres. Os nomes de alguns deles foram escolhidos como topônimos na Universidade. Além de identificar prédios, salas, auditórios esses nomes costumam transcender sua dimensão funcional e nos ajudam a entender sua trajetória pessoal, bem como a da Universidade. Um dos nomes que mesclam sua atuação com a história da PUC-Rio é o do Prof. Carlos Alberto Del Castillo.

A década de 1950 foi para o Brasil um período de grandes transformações. Na primeira metade, o suicídio de Vargas e o afastamento de Café Filho por motivo de doença criaram um clima de incerteza. Na segunda metade, contudo, o país pareceu recuperar o ânimo. Ao assumir a presidência em 1955, Juscelino Kubitschek anunciava um progresso de 50 anos em 5. Alguns fatos como a conquista da Copa do Mundo de

futebol, em 1958, a chegada, no ano seguinte, de Maria Esther Bueno ao topo do *ranking* mundial de tênis e o surgimento da Bossa Nova encheram o Brasil de orgulho e contribuíram para o clima de otimismo. O Brasil podia ser grande.

Algumas mudanças geraram grandes demandas. Na área de ensino, pesquisa e tecnologia, o desafio do país era adquirir *know how* tecnológico e formar recursos humanos adequados ao projetado crescimento industrial. Ainda que timidamente, o governo investiu no que considerava ser uma educação para o desenvolvimento. O foco dessa educação, contudo, estava nas necessidades mais imediatas motivadas pelas transformações industriais em curso.

O Brasil se modernizava e a PUC-Rio, atenta e sensível às mudanças do período, avançava em várias frentes. Em 1955 inaugurou seu *campus* na Gávea e em seguida os institutos de química, de física e matemática e os tecnológicos, que reforçavam a ênfase dada à pesquisa. O desenvolvimento e o êxito desses projetos contaram com grande participação de Carlos Alberto Del Castillo, então diretor da Escola Politécnica.

Em 1957, o Serviço Nacional da Indústria organizou o pioneiro curso sobre Desenvolvimento de Programas de Treinamento para gerentes de empresas. O SENAI contou com a colaboração da PUC-Rio que, por intermédio do Prof. Del Castillo, negociou a cessão do espaço necessário à realização do curso. A parceria esteve na origem do Instituto de Administração e Gerência (IAG), que hoje conta com grande tradição na formação de quadros de gestão empresarial.

Em 1959, a PUC-Rio adquiriu o computador Burroughs B205, o primeiro de grande porte para uso em pesquisa acadêmica no Brasil. Mais uma vez, o diretor da Escola Politécnica teve uma destacada participação no processo. No dia 13 de junho de 1960 o computador foi inaugurado com pompa e presenças ilustres, como a do presidente Juscelino Kubitschek e a do Cardeal Giovanni Battista Montini, o futuro Papa Paulo VI.

A grande contribuição do Prof. Del Castillo é lembrada em dois espaços do campus da Gávea que levam seu nome. Um deles é o Centro de Desenvolvimento Gerencial, a Casa Del Castillo, prédio que desde 1989

integra o IAG e que foi durante anos residência do próprio homenageado. Outro espaço é o Auditório Carlos Alberto Del Castillo no Rio Dacentro, inaugurado em 1972, onde são realizados eventos importantes como aulas magnas, congregações universitárias, fóruns, congressos e seminários.

A trajetória da PUC-Rio se torna mais inteligível e mais humana quando os espaços físicos nos lembram daqueles que a construíram. Ao ser escolhido para identificar não apenas uma, mas duas instalações do *campus* Gávea, o prof. Carlos Alberto Del Castillo se torna ainda mais representativo na e da história da Universidade. Nada mais justo para alguém dedicado à PUC-Rio e à busca da excelência acadêmica.

Roberto Cesar Silva de Azevedo

Artigo publicado em 02/07/2011, Edição 257 do Jornal da PUC



Pe. Leopoldo Hainberger S.J. em seu gabinete no Departamento de Química. c. 1970.

Fotógrafo desconhecido. Acervo do Núcleo de Memória.

Padre Hainberger e o Instituto de Química da PUC-Rio

Em uma vista aérea da PUC-Rio, o prédio da química é identificado como um bloco contíguo ao antigo Instituto de Física que expande e alonga, na direção dos limites do *campus*, o corpo original do Edifício Cardeal Leme. A composição é bela e orgânica. Conformar-se à sinuosidade das encostas do Morro Dois Irmãos e, na curvatura adotada, dá continuidade ao desenho modernista do vizinho Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, o Minhocão, projeto de 1951 do arquiteto Affonso Eduardo Reidy.

O bloco foi construído entre 1965 e 1971 para sediar o Instituto de Química que, fundado em 1959, tinha instalações precárias na casa nº 21, uma das moradias operárias adquiridas pelas Faculdades Católicas por ocasião da compra dos terrenos para a construção do *campus*. Nesta casa foi criado, em 1960, o Laboratório de Pesquisas Radioquímicas, com verba do Conselho Nacional de Pesquisas. A casinha deu lugar ao prédio de sete andares, pilotis e subsolo, com área de 7.700 m², projetado para

salas de aula, dois grandes auditórios e quarenta laboratórios, uma impressionante expansão que simboliza na dimensão espacial e de infraestrutura as ambições e conquistas científicas e acadêmicas do Instituto e de seu fundador e diretor, o Padre Leopoldo Hainberger S.J.

Austríaco, o Padre Hainberger ingressou na Companhia de Jesus em 1928, ano de sua chegada ao Brasil, e iniciou seus estudos no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Ordenou-se sacerdote em 1941 e, após lecionar filosofia e teologia, voltou para seu país para estudar química. Doutorou-se aos 50 anos pela Universidade de Viena, sob orientação do reconhecido químico analítico austríaco Fritz Feigl, refugiado de guerra que vivia e pesquisava no Rio de Janeiro desde 1940.

Os *Anuários* da PUC-Rio registram as intensas atividades realizadas pelo Pe. Hainberger em favor da criação do Instituto e que, segundo relatos de seus colegas professores, pesquisadores e ex-alunos, podem ser tomadas também como medida de sua dedicação em favor do desenvolvimento da área de química analítica no Brasil, expressa na sua importante e vasta produção científica e em sua atividade docente.

Entre viagens e contatos, obteve verbas e equipamentos científicos de empresas, instituições e governos da Alemanha e do Brasil para as obras do Instituto, que se transformou no Departamento de Química após 1968, e para o reconhecimento deste como um centro avançado de pesquisas, um dos principais do país na área de química analítica. Estabeleceu convênios com universidades alemãs que possibilitaram o intercâmbio de professores e pesquisadores, a obtenção de bolsas e a instalação de equipamentos. Um dos principais resultados de sua atuação obstinada foi a criação do programa de pós-graduação em química simultaneamente à inauguração das novas instalações, em 1971. Tais iniciativas expressam o compromisso dos gestores e pesquisadores da Universidade com a formação e aperfeiçoamento de docentes do ensino superior e de quadros capacitados para gerir o acelerado processo de desenvolvimento científico-tecnológico em curso no Brasil naquele momento.

Em 1988, ano da morte do jesuíta, o chamado Bloco da Química ganhou o nome de Padre Leopoldo Hainberger S.J. e faz-se presente no mapa da memória do *campus* da PUC-Rio como expressão da gratidão à figura do padre cientista e do projeto de uma universidade em que o ensino e a pesquisa apresentam-se como atividades indissociáveis.

Silvia Ilg Byington

Artigo publicado em 06/08/2012, Edição 258 do Jornal da PUC



O Pe. Viveiros comemora seu aniversário. s.d.

Foto do acervo pessoal de Carmem Viveiros de Castro Cavalcanti.

O Ginásio Padre Ormindó Viveiros de Castro

O atacante avança com a bola em direção ao gol. Um lindo drible o deixa em condições de abrir o marcador. Um puxão na camisa... Priiii! Pênalti! Breve tensão, e o grito de gol ecoa pelo Espaço Cultural e Esportivo Pe. Ormindó Viveiros de Castro. A pelada segue animada e o placar é o que menos importa, a alegria está garantida. Pri, pri, priiiii! Fim de jogo.

O público agora é outro, mas a emoção segue a dar o tom. Cerimônia de formatura: convite aveludado, becas, sorrisos – muitos deles banhados em lágrimas de felicidade – e, claro, o tão desejado “canudo”. Capelos ao alto e o sonho que se torna real. E o mesmo local que marca o fim de uma importante etapa para uns, marca o início para outros. Calouros de graduação, ainda zonzos com as novidades da vida universitária, encontram no *Meu Primeiro Dia na PUC* uma carinhosa recepção, parte dela realizada no ginásio. Muitos deles voltarão alguns semestres depois ao

ginásio para receber seus certificados de participação no Programa de Iniciação Científica (PIBIC).

As artes pedem passagem. Nos festivais de música da PUC-Rio, as únicas notas que interessam são as musicais. Do samba ao mais rasgado *rock and roll*, as apresentações transformam o ginásio em uma caixa de ressonância para todos os gostos. Nova mudança: saem os músicos, entram os atores. A terceira campanha anuncia que o ginásio será ocupado pelas peças e esquetes teatrais, o palco ganha uma parede imaginária entre a platéia e personagens. Alguns atores preferem, contudo, quebrá-la, ainda que preservando a emoção da farsa, da comédia, do drama e outros gêneros.

O Espaço Cultural e Esportivo Pe. Ormino Viveiros de Castro foi inaugurado no ano 2000. Na antiguidade grega, *gymnasion* era o local destinado aos exercícios tanto intelectuais como corporais, e vem daí sua vocação para ser um espaço compartilhado e de múltiplos usos. Talvez com base no sentido etimológico da palavra, a PUC-Rio encontrou em um de seus antigos reitores o nome adequado para o seu ginásio.

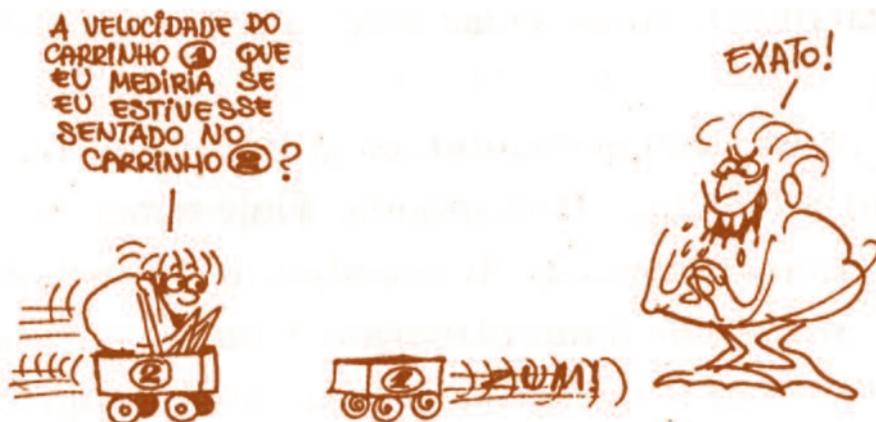
O Pe. Viveiros (*1917 +1998) reunia em si a fé do sacerdócio, a diligência do intelectual e a paixão do desportista. Além de professor, diretor de departamento, e reitor da PUC-Rio, sua biografia também registra a fase em que, ainda menino, foi promessa de craque. Todos os dias após as aulas de catecismo, Mindinho, como o Pe. Viveiros era chamado pela família, pendurava o uniforme escolar e calçava as chuteiras para os treinos da equipe juvenil de futebol do Botafogo. Sua vocação religiosa, entretanto, o fez avançar por outros campos, sem jamais abrir mão do seu futebol. Para os que o viram jogar, alguns entendidos em futebol como João Saldanha, e outros tantos que assim se consideravam, o padre-jogador era bom de bola.

Pe. Ormino Viveiros de Castro: fé, diligência e paixão. A homenagem é perfeita ao dar seu nome ao ginásio que, em tantos momentos, abriga a vibração intangível das emoções.

Roberto Cesar Silva de Azevedo

Artigo publicado em 23/08/2012, Edição 259 do Jornal da PUC

2012



Desenho da apostila sobre Mecânica Física com MARTINS e eu, escrita por Pierre Lucie e ilustrada por Henfil para alunos do Ensino Médio. LUCIE, P.H. e HENFIL. Física com Martins e eu. Rio de Janeiro: Raval Artes Gráficas, 1969.

Pierre Lucie e a arte de ensinar ciências

“De uma forma ou de outra, ele sempre me fazia descobrir a resposta que eu procurava.”

O relato acima refere-se a Pierre Henri Lucie, matemático, físico e professor fundador do Instituto de Física, posteriormente, Departamento de Física da PUC-Rio. O trecho sublinha o traço pelo qual é lembrado e celebrado nos depoimentos daqueles que querem homenageá-lo: ser um grande educador.

As notas biográficas registram a trajetória incomum deste francês da Gasconha, formado em Filosofia e Matemática pela Universidade de Toulouse. Em 1937, Pierre Lucie ingressou na Escola Militar de Saint-Cyr, criada por Napoleão Bonaparte para formar o oficialato francês e, como oficial, foi feito prisioneiro durante a 2ª Guerra Mundial. No período de cativeiro, dedicou-se ao estudo da Física o que lhe proporcionou

um diploma de graduação na área após o fim do conflito, primeira homenagem de muitas como o título de Chevalier da Legião de Honra, recebido das mãos do general Charles de Gaulle pelos serviços prestados à França e à Ciência.

Em 1945, emigrou para o Brasil. Enquanto aguardava os documentos que permitiriam o exercício profissional no país, trabalhou como motorista de caminhão no transporte de açúcar. Ainda nos anos 1940, convidado por professores franceses, começou a lecionar Física nos colégios Santo Inácio e Rio de Janeiro e, posteriormente, fundou um curso preparatório para os exames de vestibular, o Curso PH.

No Colégio Santo Inácio conheceu o Pe. Francisco Roser S.J. e foi convidado, em 1959, a criar com o jesuíta o Instituto de Física da PUC-Rio, IFUC. Na Universidade Pierre Lucie foi um dos idealizadores e primeiro coordenador do Ciclo Básico do CTC, operante já em 1961 com o nome de “Curso Fundamental” e formalizado pela Instituição pouco antes da Reforma Universitária oficializada pelo MEC, em 1968.

A experiência ainda germinal de centralizar e planificar a coordenação das disciplinas consideradas básicas no ensino das ciências na PUC-Rio levou Pierre Lucie a participar, em 1963, da reformulação do ensino da Física nos Estados Unidos como membro do Physical Sciences Study Committee desenvolvido no Massachusetts Institute of Technology. O modelo foi implementado na PUC-Rio no mesmo ano e na Universidade de Brasília, em 1965.

Sua convicção sobre a importância da dedicação de docentes e pesquisadores ao ensino fez dele membro atuante da Comissão de Especialistas em Ensino de Ciências do MEC, responsável pela organização curricular do Ciclo Básico universitário em todo o país, nos anos 1970. Na mesma época, Pierre Lucie teve participação decisiva na reformulação do ensino de Física no Instituto Gleb Wataghin, da Universidade de Campinas.

Simultaneamente, produziu uma extensa e importante obra de caráter didático voltada para o ensino universitário e médio, chamado na época de Ensino Secundário. O gibi *Física com Martins e eu* marcou

época. Escrita em parceria com o cartunista Henfil, a apostila sobre Mecânica trazia o personagem Martins, um aluno curioso e contestador que duelava com maestria com seu professor, situação sempre provocada por Pierre Lucie em suas aulas.

Foram alguns desses *Martins* – estudantes secundaristas posteriormente graduados, pós-graduados na área e feitos pesquisadores e professores do quadro principal do CTC da PUC-Rio – que, em 1986, batizaram os Laboratórios de Ensino de Física com o nome de Professor *Pierre Henri Lucie*, falecido no ano anterior.

A homenagem é precisa como convém aos físicos formados nos ambientes dos laboratórios de pesquisa da Universidade e cientes da importância na sua formação acadêmica das aulas-laboratório do inventivo e provocativo professor que escolhia sempre o caminho da empiria e do diálogo com os alunos para a construção do conhecimento científico. Era esse o objetivo por trás, por exemplo, das aulas realizadas no Planetário da Gávea ou do imenso pêndulo amarrado nas alturas dos auditórios do IFUC e posto a oscilar em meio aos estudantes: instigar questões e induzir pela experimentação a formulação dos conceitos fundamentais da Física. Sem mortos ou feridos e com as cabeças enfim a salvo, alunos do CTC e de outros Centros igualmente atraídos pelas aulas espetaculares, podiam perceber o potencial da junção entre teoria e empiria para a construção dos saberes científicos e a maneira pela qual a física transformava-se em um campo de experimentação riquíssimo para aqueles que, como o ex-aluno cujo relato abre essa crônica, vivenciassem em suas práticas docentes e de pesquisa uma assertiva do velho professor dirigida aos “humanistas e cientistas da PUC-Rio” e proferida na Aula Inaugural do ano letivo de 1966: “A aventura das ciências começa sempre na curiosidade humana.”

Silvia Ilg Byington e Priscila Sobrinho de Oliveira

Artigo publicado em 14/09/2012, Edição 260 do Jornal da PUC



D. Myriam Alonso. 1981.

Foto do acervo de Ana Lúcia Einloft.

A sala Myriam Alonso

Na placa de identificação em sua porta, lê-se: Sala de Reunião Myriam Alonso. É uma justa homenagem a uma pessoa muito especial e que assessorou, por muitos anos, os vários professores que exerceram a função de Vice-Reitores para Assuntos Acadêmicos. É também um exemplo expressivo do significado do mapa simbólico da memória da Universidade que a toponímia do campus da PUC-Rio traça ao nomear alguns de seus espaços com referências aos que fazem parte de sua história.

Dona Myriam, como todos a chamavam com carinho e com deferência, foi funcionária da PUC-Rio por mais de 40 anos. Ao ingressar no quadro de funcionários da Universidade em 1962, secretariou a antiga Escola Politécnica. Posteriormente passou a atuar na Vice-Reitoria Acadêmica, onde sua capacidade de trabalho, sua generosidade e sua estatura humana fizeram dela uma assessora preciosa não apenas para os

Vice-Reitores Acadêmicos, mas para todos os que procuravam nela a solução para os problemas que sempre aparecem no dia a dia da vida acadêmica. D. Myriam atendia a todos da mesma forma, e punha o mesmo empenho em buscar a solução para um aluno que a procurasse para resolver um impasse de matrícula; para um funcionário de algum Departamento que telefonasse para assegurar-se se uma dada medida era compatível com as normas da PUC-Rio; para um professor que indagasse sobre o andamento de seu processo de promoção ou para o Vice-Reitor Acadêmico que a consultasse sobre a legislação federal a respeito de algum aspecto da vida acadêmica.

O segredo que fazia de D. Myriam o porto seguro onde era possível encontrar acolhida e informação certa era a rara combinação de competência, discrição, e disponibilidade que nela se aliavam a uma memória prodigiosa.

Todos os que interagiram com ela certamente se lembram de histórias que mostram como D. Myriam manejava sua chave secreta capaz de abrir, sem ruídos, portas por vezes emperradas. Pessoalmente, me lembro muito bem de uma reunião na Vice-Reitoria que ela secretariava e na qual eu sugeri, diante do problema de teses defendidas por alunos estrangeiros e que vinham redigidas em uma língua levemente aparentada com o português, que os alunos pudessem apresentar suas teses e dissertações em qualquer língua, desde que a banca atestasse por escrito que aceitava ler o trabalho naquela língua. D. Myriam, discretíssima, nada disse no momento em que fiz a proposta, e citei para sustentá-la o exemplo da Universidade de Louvain, que assim procedia há décadas.

Minutos depois do final da reunião ela me procurou e disse, como sempre com o cuidado de cumprir com esmero o protocolo acadêmico mesmo ao falar com alguém que ela conhecia muito bem desde que ingressara na PUC-Rio como aluna, aos 17 anos de idade: “professora, tenho a impressão que não vai ser possível implementar a sua idéia, porque existe uma norma do MEC que impede que teses e dissertações sejam defendidas no Brasil em outra língua que não o português” e, depois de citar sem titubear o número da tal norma, me entregou a cópia da legislação pertinente.

É um acerto que a sala de reuniões da Vice-Reitoria Acadêmica tenha o nome de Myriam Alonso. Ela seguramente merece emprestar seu nome a uma sala cuja vocação é reunir os que assessoram o Vice-Reitor; examinar processos que dizem respeito à carreira docente; atender alunos e professores; discutir a melhor forma de encaminhar o cotidiano acadêmico e onde se faz tudo isso sem deixar de oferecer um espaço em que os aniversários dos funcionários, dos coordenadores centrais e do Vice-Reitor são festejados e onde, todos os dias, é possível encontrar a disposição um cafezinho acolhedor.

D. Myriam soube fazer tudo isso muito bem. E é muito bom poder lembrar dela com carinho e com saudades quando cruzamos a porta da sala que leva seu nome.

Professora Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 01/10/2012, Edição 261 do Jornal da PUC



Aníbal Mesquita (funcionário do Depto. de Comunicação), Anne-Marie Devos, Prof. Ernani Ferraz (na época no Depto. de Educação, hoje no Depto. de Comunicação) e Manoel Wambier no Laboratório de Vídeo do CTC. 1988. Fotografia César Duarte. Acervo do Projeto Comunicar.

Wambier, menino do Rio, da TV e do rádio

Nesta série de artigos sobre as pessoas que emprestam seus nomes a espaços do campus da PUC-Rio os denominadores comuns são o reconhecimento do papel desempenhado na Universidade e a saudade.

Esse é o caso da homenagem ao Professor Manoel Wambier, que batiza os laboratórios de rádio e TV do Departamento de Comunicação da PUC-Rio desde 1998.

Amigos de diversas épocas e lugares publicaram relatos que ajudaram a compreender melhor a personalidade de Wambier. Nesses relatos e em matérias publicadas no Jornal da PUC surge a figura do “menino do Rio”, da praia, das festas, da música. No depoimento do Prof. Miguel Pereira, que o trouxe para o Departamento de Comunicação em 1981, aparece o professor muito próximo aos alunos e ao mesmo tempo muito rigoroso. No discurso da Profa. Lenira Alcure na

inauguração dos laboratórios, ela resume: “Eterno menino do Rio, com seu jeitinho malandro e doce de quem nunca abandonou a infância, dá sentido à inauguração dos nossos estúdios de rádio e TV, pois foi ele o seu primeiro idealizador.” Ressalta ainda o “espírito conciliador e a coragem de enfrentar os maiores desafios”. Um amigo dos anos 1970, Luiz Sergio Nacinovic, assim descreve Wambier: “cara de bugre saído de quadro clássico de Almeida Júnior”, resultado da mistura da bisavó índia com imigrantes alemães.

Manoel Herrington Wambier, nascido em Ponta Grossa, Paraná, em 1942, iniciou sua carreira como locutor de rádio em Curitiba, onde estudava Filosofia. Em 1963 já apresentava o principal telejornal da TV Paraná. Um episódio definiu sua saída de Curitiba e a vinda para o Rio: no telejornal, ao preparar-se para ler uma notícia sobre uma greve de gráficos e jornalistas duramente reprimida, viu que o texto era tendencioso e traduzia a visão do grupo empresarial que incluía jornais e o canal de TV no qual trabalhava. Ao vivo, o jovem locutor com espírito de menino que vê e fala, declarou “isso eu não leio, porque não é verdade”. Perdeu o emprego.

Veio para o Rio e trabalhou como locutor e depois redator-chefe da Rádio Globo, onde conheceu o Prof. Miguel Pereira, que pesquisava nos arquivos do jornal O Globo. Wambier completou o curso de Filosofia na UFRJ em 1969, um período conturbado da vida nacional. Foi para a Alemanha onde passou sete anos, dominou a língua e trabalhou como locutor, redator e tradutor para a Deutsche Welle, e como tradutor e dublador de filmes.

Ao chegar na Alemanha foi recebido com suspeita pela comunidade de exilados brasileiros por não ter um passado de militância política explícita. Ganhou o apelido de "O Espião de Colônia", história contada pelo jornalista Osvaldo Peralva em livro que reuniu crônicas publicadas nos anos 1980. Logo o menino que fazia amigos com a facilidade da infância superou a desconfiança, que deu lugar a reuniões para as quais Wambier preparava “uma sopa de lentilhas para chef germânico nenhum botar feito”, seguindo a tradição de boa cozinha transmitida por sua mãe.

Voltou para o Brasil, foi diretor da Rádio Roquette Pinto, do jornalismo da TV Bandeirantes no Rio de Janeiro e do núcleo de programas especiais da Rede Manchete. No Departamento de Comunicação da PUC-Rio ajudou a definir as disciplinas relacionadas a rádio e TV e a montar os laboratórios. Coordenava os programas de rádio e depois de TV produzidos pelo Departamento.

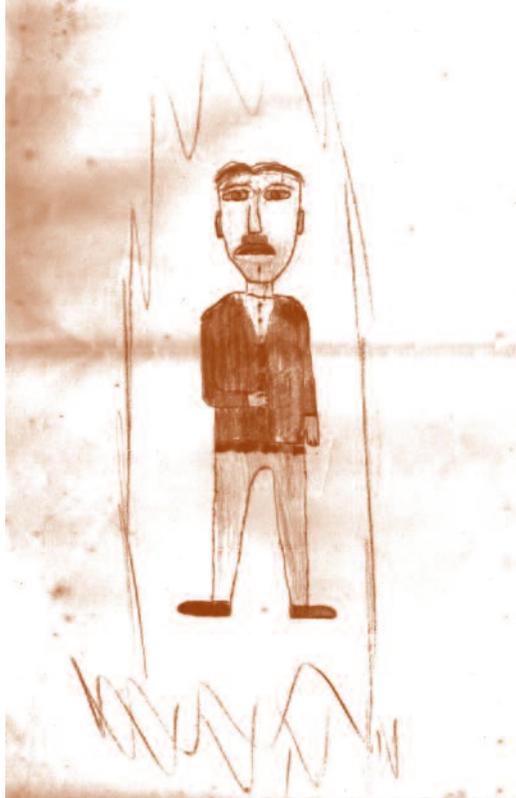
Se da mãe herdou a habilidade culinária, com o pai aprendeu a mexer com eletrônica. Era capaz de construir e consertar rádios. Na PUC-Rio desenvolveu um pequeno transmissor e fez experiências para implantar uma rádio que transmitisse a programação produzida pelos alunos de Comunicação. Testou a transmissão do sinal de rádio do alto do Edifício Cardeal Leme para os outros prédios da Universidade. Não foi possível colocar a rádio no ar por limitações técnicas e legais, por isso criou e coordenou uma rádio transmitida nos pilotis através de alto-falantes. Havia na programação radionovelas, música e programas produzidos pelos alunos.

Wambier faleceu em 1993. O sentimento da jornalista Dalva Ventura é de que ele foi plenamente feliz no Rio de Janeiro: “Não perdia uma praia, sempre no final da tarde e, nos finais de semana, preparava almoços antológicos para nós e uma galera de agregados. Que eram muitos.” Os amigos da PUC-Rio estavam entre eles, presentes naqueles dias de sol de Ipanema e atentos às orientações do professor próximo, mas exigente, que dizia sem hesitar: “Isso não está certo. Corrija”.

É justo que essa edição comemorativa dos 60 anos do curso de jornalismo na PUC-Rio volte a homenagear o Professor Wambier e que todos nós relembremos que os laboratórios de rádio e TV do Departamento de Comunicação da PUC-Rio levam seu nome.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 16/10/2012, Edição 262 do Jornal da PUC



Walmer Jacintho Soares.

Desenho de Fabrício Eyler. 1994

Para lembrar do Walmer

Em 1994 um menino transformou a dor da perda de um amigo em lembrança para sempre fixada em um desenho. Fabrício, esse é o nome do menino, saía do colégio e vinha para o Departamento de História encontrar sua mãe, a Profa. Flávia Eyler. Enquanto esperava a hora da volta para casa, brincava nas salas do Departamento. Foi assim que fez amizade com um adulto chamado Walmer, para ele o companheiro de animadas partidas de futebol jogadas entre cadeiras e mesas cheias de livros.

Naquele ano de 1994, depois de uma longa luta, Walmer, o amigo adulto de Fabrício morreu. O menino sabia que não haveria mais futebol nem brincadeiras. Com a sabedoria das crianças, decidiu pregar uma peça à morte e fazer eterno seu amigo em um retrato surpreendentemente fiel daquele que teve o dom de fazer que suas longas horas de espera se enchessem de alegria.

Walmer Jacintho Soares começou a trabalhar na PUC-Rio em 1978. Foi um professor muito querido e é lembrado como uma presença amiga, um excelente profissional e um homem corajoso diante dos desafios da vida. Para o Prof. Marcelo Jasmin, era sobretudo “uma pessoa solidária” e “uma personalidade carinhosa e sensível”. Para a Profa. Flávia Eyler, três palavras resumem o que ele foi: “sabedoria, simplicidade e proteção”. Para todos os que conviveram com ele, é inesquecível.

No 5º andar do Frings existe uma Sala Walmer. A escolha do nome reflete o impacto de sua morte precoce e o carinho de todos que o conheceram. Hoje, é possível que muitos alunos e alguns dos novos professores e funcionários do Departamento de História não saibam por que a sala ganhou esse nome. Mas Fabrício Eyler, o menino que desenhou o amigo que perdera e hoje é doutorando do Departamento de Letras da PUC-Rio sabe muito bem que a sala leva o nome de um grande homem.

Margarida de Souza Neves e Reinan Ramos dos Santos

Artigo publicado em 05/11/2012, Edição 263 do Jornal da PUC



Espaço Cultural Professor Junito Brandão. 2011. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

As virtudes do professor Junito Brandão

Na mitologia grega as virtudes dos heróis são definidas por conceitos que, entre outros significados, expressam qualidades, sabedoria, fraternidade e moral. A palavra *aretê* é a virtude da força e da coragem, *logos* é um conceito que remete à razão, linguagem e justa medida, e *métis* é uma forma de inteligência e sabedoria.

Nas salas de aula da PUC-Rio um professor destacou-se por suas virtudes, sabedoria e a justa medida para ensinar, desenvolver pesquisas e dedicar-se à publicação dos seus estudos sobre a cultura clássica. Nas palavras de Miriam Sutter, sua ex-aluna e atual professora da Universidade, Junito Brandão era um “amigo sábio e generoso”.

Junito de Souza Brandão (1924-1995) concluiu em 1948 o bacharelado em Letras Clássicas nas Faculdades Católicas e em seguida cursou Arqueologia, Epigrafia e História da Grécia na Universidade de Atenas.

Lecionou na Faculdade de Filosofia e posteriormente no Departamento de Letras. Membro da Academia Brasileira de Filologia, publicou dicionários etimológicos, obras didáticas e livros sobre a cultura clássica. Sua biblioteca particular foi doada para a PUC-Rio e integra o acervo da Biblioteca Central.

No livro “Teatro Grego: origem e evolução”, publicado em 1980, Junito Brandão assinala que o teatro na Grécia “embriagou-se do belo para celebrar o homem”. Em 2006 a PUC-Rio inaugurou em sua homenagem no bosque do *campus* da Gávea o Espaço Cultural Professor Junito Brandão, um anfiteatro palco de encontros, debates e eventos multiculturais. De shows a peças de teatro, de oficinas a local para o diálogo, por cumprir funções análogas às do teatro grego, esse anfiteatro é lugar privilegiado da contemplação e da experiência, e lembra, através da palavra, “a presença de uma ausência”.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 26/11/2012, Edição 264 do Jornal da PUC



*O Prof. Paulo Bocater em 1988, já no cargo de Vice-Reitor Administrativo.
Fotógrafa Márcia Kaskus. Acervo do Projeto Comunicar.*

O professor Paulo Fiúza Bocater

Dois prédios do conjunto do IAG foram inaugurados no mesmo dia 10/12/2003, um nomeado em homenagem ao Prof. Padre Francisco Leme Lopes S.J., falecido em 1983, e o outro ao Prof. Paulo Fiúza Bocater, falecido em 1999. A crônica de hoje quer lembrar o Prof. Bocater, que tão precocemente nos deixou.

Paulo Bocater formou-se em Economia na PUC-Rio em 1975, e logo que entrou em 1976 no recém-criado mestrado do IAG foi convidado para ser professor na graduação em Administração. Retornou ao IAG após o doutorado na New York University e assumiu a coordenação da pós-graduação. Em 1987 foi nomeado Vice-Reitor Administrativo, cargo que ocupou até seu falecimento.

A virada para os anos 1990 foi um período especialmente difícil na gestão da Universidade. Em tempos tão duros a atuação de Bocater,

como descreve o Prof. Jorge Vianna Monteiro (ECO), foi marcante: “Seu jeito elegantemente discreto e atencioso o dispunha a sempre ser um porto seguro para ouvir e ajudar – embora, curiosamente, fosse isso mesmo que, às vezes, o fizesse parecer a alguns tão sério, ameaçador e rigoroso no julgamento.”

Uma relativa estabilidade financeira em meados dos anos 1990 permitiu que Bocater atuasse na renovação e expansão da estrutura física do campus. Um desses novos espaços foi o que recebeu seu nome, uma homenagem ao administrador, professor e aluno da PUC-Rio.

No site do Núcleo de Memória (www.puc-rio.br/nucleodememoria) está publicado na seção “Saudades” um lindo texto sobre o Prof. Paulo Bocater escrito por seu grande amigo, o Prof. Luiz Roberto Cunha (ECO) para o site do Núcleo. O título Um “*general prussiano*” de *alma doce*, e o conteúdo do texto, dizem muito sobre o Prof. Bocater e sobre a amizade entre os dois.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 17/12/2012, Edição 265 do Jornal da PUC

Um voo rasante sobre a PUC-Rio em 1977

Uma imagem pode simbolizar um contexto que buscamos compreender. É o caso da foto que registra um helicóptero da Polícia Civil em voo rasante sobre a Vila dos Direitórios, rente ao segundo andar da Ala Frings, em maio de 1977 quando os pilotos da PUC-Rio testemunharam a maior manifestação estudantil da história da Universidade.

Desde o início do ano, os campi universitários ocupados pelos estudantes em greve por melhores condições de ensino, nas manifestações.

mos do movimento estudantil em relação à década anterior, a pauta de reivindicações a partir de 1977 incorporou demandas políticas e sociais amplas como salário e emprego e fortaleceu o tema que catalisaria as esperanças pela redemocratização do país, a anistia política.

Convocada para o dia 10 de maio, a manifestação que contou com milhares de estudantes se tornou uma das maiores da história da PUC-Rio.

participante Reitoria, o forte reação que isolaram e der de registrar O que cor 19



Para não esquecer

JOSE NÁCIO BRENTE / ACERVO JOSÉ NÁCIO BRENTE



Ginlândia: Passeata dos 100 mil, 26 de junho de 1968

Há lembranças que são dolorosas. Muitas vezes essa rememoração triste diz respeito, precisamente, ao que não deve ser esquecido. É o caso dos 21 anos que se seguíram ao golpe civil-militar que, há 50 anos, instaurou uma ditadura no Brasil. Com ela, não apenas a liberdade e a cidadania foram cerceadas, mas muitas vidas foram ceifadas, muitos corpos foram torturados, muitos sonhos foram truncados.

durante a passeata dos 100 mil. Ela é também o registro de uma utopia. Sobre a faixa que aparece no centro da fotografia alguém escreveu em letras garrafais: "PUC: TERRITÓRIO LIVRE", mesmo sabendo que não podem existir territórios livres em um país sem liberdade.

Por dentro do campus da PUC-Rio passavam então - tal como passamos hoje - todos os conflitos, todas as tensões, todas as contradições da sociedade, porque a Universidade não era - e não é - um planeta à parte. Mas isso não mudou.

Longa jornada noite afora



Apuração dos votos das eleições para UNE e UEE (05/10/1979)

A foto desta coluna registra um fragmento do processo de abertura política na primeira vez que a UNE utilizou o voto direto nas suas eleições. Elas ocorreram em

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Um mapa da memória da PUC-Rio - P

Para lembrar do

Construção

Fotografias: Janelas do Tempo

ANTONIO ALBUQUERQUE / ACERVO DO NÚCLEO



ouve a a turma co... ismo da pro... duou em 15/12... de de F... assum... -a-se a Re... um con... ia; haviam censura com... iversidade até mais insidios... s, entre eles censura explícit... ão Social. ao introjetar no... formada em restrições de... refletiu o seu dos anos foram... as escolhas: O convite... rma foi Dom nes para ser p... ra, figura de rera muito... nfrentamento do AI-5. Ag... professor ço Secreto... foram p...

qual a na peq... ado fici... e mostr... acabad... lantes, pr... onários... 1980, as... onferênci... Bispos e... a refl... ão do... idades... (EBs)... utr... e... a na... à lenta a... e à democra... PUC-Rio, como... ade, os deba...



2013 | FOTOGRAFIAS:
JANELAS DO TEMPO

Fotografias: janelas do tempo | 91

Uma figura inesquecível | 93

Indícios de uma PUC "bossa nova" | 95

MUSP: PUC-Rio e compromisso social | 97

A Caravana da Anistia na PUC-Rio | 99

Padre Röser e a ameaça atômica | 101

O Cruzeiro da Universidade | 103

Longa jornada noite afora | 105

Construção | 107

O vestibular unificado no Maracanã | 109

Um ícone da PUC-Rio | 111



A equipe do Núcleo de Memória trabalha com fotografias que integram o acervo de documentação da PUC-Rio. 2013. Fotógrafo Igor Valamiel. Acervo do Núcleo de Memória.

Fotografias: janelas do tempo

Um novo ano acadêmico que se inicia e, com ele, uma nova série das *Crônicas de Memória* que começa. Para o ano de 2013, o Núcleo de Memória convida os leitores do *Jornal da PUC* a visitar algumas das muitas fotografias que compõem seu acervo e, a cada edição, redescobrir as histórias que nelas se escondem e se revelam.

Boa parte da documentação que o Núcleo identificou nos vários arquivos da PUC-Rio e, aos poucos, põe a disposição da comunidade acadêmica através de seu site (www.puc-rio.br/nucleodememoria) é composta por fotografias. As mais antigas, todas elas em preto e branco, feitas quando ainda não se sonhava com máquinas digitais e telefones celulares capazes de fotografar e compartilhar instantaneamente o que é fotografado, selecionam acontecimentos especialmente significativos ou flagrantes do cotidiano da Universidade destinados a registrar algum

aspecto que se pretendia por em evidência. As mais recentes, muito mais voláteis já que quase nunca são impressas e tendem a durar o que duram os HDs de nossos computadores, impressionam pela quantidade e pela variedade de situações fotografadas. Todas elas revelam histórias que merecem ser contadas.

E é para contar algumas dessas muitas histórias que vamos aproveitar o espaço das *Crônicas de Memória* em 2013. Sem esquecer que por trás de cada fotografia há sempre o ponto de vista e a sensibilidade de um fotógrafo; a vontade de alguém que selecionou o que merecia ser fotografado; o cuidado de quem a conservou ou o acaso que fez com que algo inesperado fosse flagrado, vale a pena lembrar que toda fotografia pode ser uma janela do tempo que merece ser aberta.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 18/03/2013, edição 266 do Jornal da PUC



*Montagem dos primeiros laboratórios do ITUC. Fotógrafo desconhecido.
c. 1959. Acervo do Núcleo de Memória.*

Uma figura inesquecível

A janela do tempo aberta pela fotografia acima nos leva a algum momento não muito bem definido, provavelmente no início do ano de 1959. Nela surpreendemos o instante em que os equipamentos do ITUC, inaugurado no dia 12 de abril de 1959, eram desembalados para a montagem dos laboratórios.

No centro da imagem, de camisa branca, com seus óculos de aro escuro e lentes grossas, aparece o irmão Francisco Larrañaga, um jesuíta vasco de corpanzil enorme como era enorme o seu coração, ainda que ele tentasse sem muito sucesso disfarçar essa última característica atrás de uma falsa ranzinze. Todo mundo na PUC conhecia o irmão Francisco e sabia que podia contar com ele.

Conhecedor de todos os meandros do *campus*, reza uma das lendas que povoam a memória da Universidade que nos tempos do irmão Fran-

cisco a PUC não tinha plantas das instalações elétricas e hidráulicas porque estava tudo na cabeça daquele gigante que parecia onipresente nos corredores e nos pilotis.

Por muito tempo, uma vez por semana o irmão Francisco jogava uma partida de tênis com o Professor Thomas Schneider, do Departamento de Economia. A dupla fazia lembrar Asterix e Obelix e era divertido vê-los juntos, o Prof. Schneider sempre impecável enquanto o irmão Francisco – o Obelix da dupla – comparecia vestido com os trajes mais insólitos, feliz da vida empunhando sua raquete.

Além do lugar cativo que tem na lembrança de todos os que o conheceram, o *campus* guarda os antigos postes de luz que o irmão Francisco fez construir. Como tudo o que fazia, os tais postes eram sólidos, feitos para durar. Hoje substituídos em sua primeira função por outros mais modernos, eles viraram divisórias do estacionamento: o guindaste alugado para retirá-los não foi capaz de levantá-los do chão, e o remédio foi encontrar para eles uma nova serventia.

Essas e muitas outras histórias fazem do irmão Francisco, que já não está mais entre nós, uma figura inesquecível.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 08/04/2013, edição 267 do Jornal da PUC



*Show na Concha Acústica da PUC-Rio. Ao centro, de cavaquinho, Herbie Mann.
Fonte: FREIRE, Luiz Fernando. Bossa Nova: história, som & imagem.
Spala: Rio de Janeiro, 1995. p.147, fotógrafo não identificado.*

Indícios de uma PUC “bossa nova”

As fotografias da série *Janelas do Tempo* evocam lugares, pessoas, momentos e circunstâncias. Esta em particular traz ao fundo o fragmento de um espaço que não existe mais no campus, a Concha Acústica onde se realizaram shows, celebrações e formaturas entre 1962 e 2001. No primeiro plano há o registro de um evento especialmente significativo pelas conexões que permite rastrear.

Shows de Bossa Nova estão no imaginário da PUC-Rio, nas histórias contadas e recontadas, e alunos da Universidade foram protagonistas do movimento: Cacá Diegues na organização de eventos pelo DCE, Edu Lobo como músico, e tantos outros.

Há poucos registros dessas atividades nos acervos da Universidade. Esta foto permite chegar a desdobramentos inesperados. Nela aparecem músicos que se notabilizaram na Bossa Nova, como Bebeto Castilho, Hél-

cio Milito, Luizinho Eça e, em outra foto do mesmo evento, estão Roberto Menescal e Dori Caymmi. O astro do show era o flautista americano Herbie Mann. Este show ocorreu em 18/10/1962, e tanto no Anuário da PUC-Rio quanto na imprensa foi registrado como preparação para o famoso show de divulgação da Bossa Nova nos EUA que ocorreria em 21/11/1962 no Carnegie Hall, em Nova York.

Um elemento da foto que nos chama a atenção é o microfone com a sigla “VOA”, da *Voice of America*, um serviço de radiodifusão criado em 1942 pelo governo americano com sua programação transmitida em mais de 40 idiomas e apenas para fora dos EUA. Desde 1956 havia na VOA um programa dedicado ao jazz, e o seu produtor e apresentador, Willis Canover, viajava o mundo e organizava encontros entre expoentes do jazz americano e músicos locais. Esses encontros eram registrados e depois reproduzidos em seu programa.

Esta foto, encontrada quase por acaso, é apenas o ponto de partida para aprofundar a compreensão do papel da PUC-Rio na Bossa Nova, e desta naquele contexto cultural e de relações internacionais.

Clóvis Gorgônio e Igor Valamiel

Artigo publicado em 24/04/2013, edição 268 do Jornal da PUC



Assembleia do MUSP. De pé, o Professor Luiz Alberto Gomez de Sousa. 1980. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

MUSP: PUC-Rio e compromisso social

Nos anos 1980, o Brasil vivia um momento de retomada de expectativas em relação à liberdade com o processo de redemocratização em curso. Os movimentos sociais, reprimidos durante a ditadura, ganhavam força naqueles anos: em 1983 foi fundada a CUT, Central Única dos Trabalhadores e, em 1984 o MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; em 1984 acontece uma série de manifestações que reivindicavam as eleições diretas para presidente, movimento conhecido como Diretas Já!. A Igreja Católica na América Latina, por sua vez, assume uma posição social e formula uma teologia progressista, ambas pautadas pela opção preferencial pelos pobres.

Coerente com seu tempo, a PUC-Rio cria o MUSP, sigla para o Movimento Universidade a Serviço do Povo, coordenado pelo então Vice-Reitor Acadêmico Pe. Agostinho Castejón S.J., que reunia professores

e alunos da Universidade. O Movimento promoveu projetos sociais em 28 favelas do Rio de Janeiro, entre elas o Morro de Santa Marta. Lá se estabeleceu uma longa parceria e se viu, de fato, o trabalho acadêmico a serviço da transformação daquela comunidade. Um exemplo disso foi a monografia de um aluno de engenharia que criou um sistema de distribuição de água que consistia em uma rede aérea de canos de PVC apoiada sobre os telhados e que levou a água a todas as casas do morro, impulsionada apenas pela força da gravidade.

A fotografia acima é uma janela aberta para esse tempo: reunidos em assembleia num dos auditórios da Química, professores, alunos e funcionários discutem projetos e ações a serem realizados junto às comunidades. O MUSP traduz um movimento específico em busca da liberdade e da justiça social, mas também é uma das expressões do compromisso da Universidade, desde a sua fundação, com a sociedade da qual faz parte.

Priscila Sobrinho de Oliveira

Artigo publicado em 13/05/2013, Jornal da PUC, Edição 269



*Sessão solene da 61ª Caravana da Anistia, no auditório do RDC.
2012. Fotografia Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.*

A Caravana da Anistia na PUC-Rio

O auditório do RDC recebeu entre os dias 14 e 17 de agosto de 2012 a Conferência Internacional “Memória: América Latina em perspectiva internacional e comparada”. No último dia da Conferência instalou-se a 61ª Caravana da Anistia, a primeira a ser realizada em uma universidade do Rio de Janeiro. Liderada pelo presidente da Comissão de Anistia Paulo Abrão Pires Júnior, doutor em Direito pela PUC-Rio, a Caravana realiza desde 2008 sessões públicas itinerantes de avaliação dos pedidos de reparação moral e econômica de perseguidos pelo regime militar.

Nesse evento a sede do Ministério da Justiça e seus poderes legais e constitucionais foram transferidos para o auditório do RDC. Ao conceder o direito à reparação, o Estado brasileiro pede desculpas públicas e oficiais pelos erros cometidos no passado. A sessão solene de apreciação dos pedidos de reparação foi marcada pela emoção, pelas lágrimas e

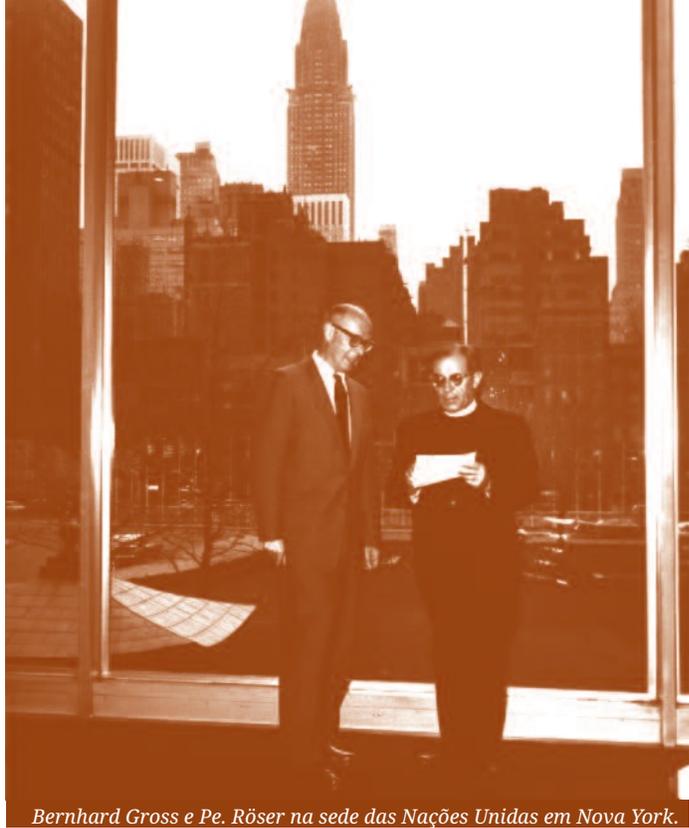
pela dor. Parentes e amigos com fotos, camisas e bandeiras dos seus familiares, muitos deles ainda desaparecidos, lembraram com orgulho e sofrimento as suas histórias de lutas contra o regime autoritário.

A foto escolhida para esta crônica retrata o momento em que militantes como Luiz Carlos Prestes, Zuzu Angel e Augusto Boal receberam homenagens *post mortem*. Também foram homenageados pela luta contra a repressão professores e funcionários da PUC-Rio como Leandro Konder, Maria Augusta Martins Davidovich, o Padre Fernando Bastos de Ávila S.J. e os ex-funcionários Joana Brandão de Aguiar e Moisés de Mesquita Melo.

A PUC-Rio acolheu professores e pesquisadores vítimas de perseguição política e teve um ativo movimento estudantil. Muitos foram presos e vítimas de violência. Consciente da importância da sua memória e da abertura para a sociedade, a PUC-Rio dialoga com a Caravana da Anistia na defesa do livre expressar das opiniões, na busca da verdade e na luta contra o que não deve ser esquecido.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 03/06/2013, edição 270 do Jornal da PUC



Bernhard Gross e Pe. Röser na sede das Nações Unidas em Nova York. 1958. Fotógrafo Leo Rosenthal. Acervo da Reitoria da PUC-Rio.

Padre Röser e a ameaça atômica

A fotografia em que se vê um padre e ao fundo o perfil característico dos prédios de Nova York chama a atenção, principalmente ao reconhecermos o Padre Francisco Xavier Röser S.J., professor da PUC-Rio nos anos 1950 e 1960 e criador do Instituto de Física em 1957, um marco da relação entre ensino e pesquisa na Universidade.

A foto registra Pe. Röser e o cientista brasileiro Bernhard Gross, membros da comissão composta por cientistas de 15 países criada em 1955 pelas Nações Unidas para estudar os efeitos do uso da energia atômica, assunto estratégico no contexto da Guerra Fria. Uma das atribuições de Pe. Röser junto à comissão era medir as radiações de origem natural de forma a permitir a identificação da influência das radiações produzidas artificialmente. Para isso, percorreu o Brasil com o também físico e professor da PUC-Rio Pe. Thomas Cullen S.J.

Em 1924 Pe. Röser veio da Áustria para o Brasil com intuito de ser missionário junto aos índios. Estudou no Colégio Anchieta de Nova Friburgo, ensinou Física no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, e o interesse por esta área levou-o à Universidade de Innsbruck, onde fez doutorado na área de energia atômica orientado por Victor Hess, prêmio Nobel de Física em 1936. Nos anos 1940 foi professor dos colégios Anchieta e Santo Inácio. Entre 1950 e 1955 participou de pesquisas sobre radiação natural e raios cósmicos nas universidades de Stanford e Chicago.

Pe. Röser foi responsável pelo grande impulso dos estudos em Física na PUC-Rio, com a instalação do laboratório Van de Graaff e a ampliação da parte do Edifício Cardeal Leme onde funcionava o Instituto de Física. Foi também pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas e membro da Agência Internacional de Energia Atômica. Sua atuação profissional, ilustrada pelo episódio da foto, salienta o papel do cientista nos fóruns e programas internacionais que visam ao desenvolvimento da sociedade.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 21/06/2013, edição 271 do Jornal da PUC



O pároco da Igreja da Penha Monsenhor Alves da Rocha e fiéis junto ao Cruzeiro da Universidade no dia de sua inauguração, em 16/11/1941.

Fotógrafo desconhecido. Acervo da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França.

O Cruzeiro da Universidade

A descoberta da fotografia que motiva essa crônica foi uma grata surpresa para a equipe do Núcleo de Memória. O evento que ela registra é um episódio curioso da história da PUC-Rio e esquecido pela comunidade universitária.

A imagem pertence ao acervo da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França, nome solene relacionado a um dos lugares mais populares do Rio de Janeiro, a Igreja da Penha. Local de peregrinação desde o século XVII, o templo consagrado à Nossa Senhora foi logo batizado pela população por sua localização, pelo nome da região reconhecida por suas “graciosas e pitorescas montanhas” e pela vocação festiva de seu calendário sagrado que reunia populações de diversas latitudes geográficas e culturais da cidade e do país nas procissões e festas dedicadas à padroeira. Parte dessas multidões buscava com igual

devoção momentos mais profanos da tradicional festa popular nas memoráveis rodas de samba, verdadeiras congregações dos grandes nomes da música popular carioca do século XX.

Em 1941, além da grande procissão, o Livro de Atas da Mesa Administrativa e o Livro de Fatos Extraordinários da Irmandade registram um evento reconhecido como memorável pelos ativos fiéis da paróquia: a construção e consagração de “um artístico e simbólico cruzeiro” em comemoração da transferência da festa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida para o dia da pátria e da “fundação da 1ª Universidade Católica no Brasil”. Com a presença do Cardeal D. Sebastião Leme, então Arcebispo do Rio de Janeiro e idealizador das Faculdades Católicas instaladas no ano anterior, o “Cruzeiro da Universidade” foi inaugurado como marco de fundação do que deveria ser, nas palavras de um dos presentes, “uma modelar Universidade Católica, integrada nos seus princípios e completa na sua eficiência.”

Em 2013, o Cruzeiro da Universidade permanece de pé. No entanto, como um dos resultados da violência e do abandono que esta região da cidade tanto sofre, ele encontra-se inacessível, cercado pelo mato e parcialmente destruído. Como um sinal de novos tempos, a reforma recém-concluída da igreja cartão-postal da cidade promete estender-se por sua área externa e quem sabe, incluir a esplanada onde se localiza o cruzeiro. Para que, como nesta foto – uma janela do tempo – ele seja novamente contemplado como marco de fundação da PUC-Rio e de reflexão sobre sua presença na história da cidade.

Silvia Ilg Byington

Artigo publicado em 06/09/2013, edição 273 do Jornal da PUC



Apuração dos votos das eleições para a UNE e UEE.
05/10/1979. Fotografia Alfredo Jefferson. Acervo do Prof. Alfredo Jefferson.

Longa jornada noite afora

A foto desta coluna registra um fragmento do processo de abertura política no Brasil no final dos anos 1970. Remete a um momento crucial para o movimento estudantil, durante a apuração dos votos da eleição para as diretorias da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UEE (União Estadual dos Estudantes) que, com o Golpe de 1964, haviam sido colocadas na ilegalidade e assim continuavam.

A moça que dorme no banco de madeira era um dos 300 voluntários que participaram da apuração, muitos acampados por ali mesmo na virada da noite. Ela parece alheia ao burburinho da apuração e ao barulho que as chapas concorrentes às eleições faziam do lado de fora do antigo ginásio esportivo. Seu sono pesado, quem sabe, atribui-se ao desgaste físico e mental das duras lutas travadas num momento tão crítico da vida nacional, mas ao mesmo

tempo de intensa mobilização da juventude estudantil e desejo por dias melhores.

Apuraram-se na PUC-Rio 45 mil votos do Estado do Rio. Foram 340 mil votantes no país num universo de pouco mais de um milhão de universitários. Foi a primeira vez que a UNE utilizou o voto direto nas suas eleições. Elas ocorreram nos dias 3 e 4 de outubro de 1979 sob ameaças: os DCEs e CAs haviam voltado a funcionar nas universidades, mas a UNE e as UEEs não eram reconhecidas nem toleradas pelo Governo Federal.

A PUC-Rio tornara-se um importante espaço no qual as discussões e manifestações políticas encontraram refúgio, em particular as relacionadas à reestruturação do movimento estudantil e o processo de reconstrução da UNE a partir de 1976. As reuniões dos DCEs dos estados para organizar as eleições estudantis realizaram-se na PUC-Rio, reunindo em agosto de 1979 mais de 500 participantes durante vários dias.

O ano de 1979 é um marco na história não só da UNE e da PUC-Rio, mas também na história do movimento estudantil brasileiro e da própria democracia que, naquele momento, parecia ter sido entorpecida e adormecido em um sono muito diferente daquele da jovem estudante, vencida pelo cansaço da luta.

Clóvis Gorgônio e Namíbia Rodrigues

Artigo publicado em 02/10/2013, edição 274 do Jornal da PUC



Missa por D. Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, assassinado em 24/03/1980.

Fotógrafo Antonio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

Construção

Uma sala em construção. Um altar. Velas acesas. E um grande número de sacerdotes, entre os quais é possível reconhecer os padres Garcia Rubio, Álvaro Barreiro, Antonio Pereira e José Carlos de Lima Vaz. Não fosse a inscrição na faixa presa à parede inacabada, pouco mais saberíamos sobre a janela que a fotografia aqui impressa abre no tempo.

Nela, as palavras do arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, ditas na véspera de ser assassinado a tiros quando celebrava missa no dia 24/03/1980. A faixa indica que na sala ainda sem reboco celebrava-se uma missa em homenagem a esse salvadorenho, nascido de uma família de mineiros em 1917, ordenado em 1942, que o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla e o contato intenso com o povo pobre transformaram em um bispo comprometido com a causa da justiça e, por isso, incômodo para os donos do poder.

No acervo do Núcleo de Memória outras 12 fotos permitem descobrir mais informações e novas perspectivas do mesmo evento. A sala em construção é o antigo Salão de Vidro que ocupava parte dos pilotis do Leme. Eram 17 os padres que concelebraram aquela missa, entre eles o Reitor, Pe. João Augusto Mac Dowell S.J., o Vice-Reitor Acadêmico, Pe. Agostinho Castejón S.J. e professores de vários Departamentos. E a razão pela qual a celebração não foi na pequena capela bem ao lado fica clara nas fotos que mostram o grande salão inacabado repleto de estudantes, professores e funcionários.

Nos anos 1980, as diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a reflexão da teologia da libertação, e a organização do povo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) uniram forças com outras instituições, outras matrizes de pensamento e outros grupos sociais na mobilização que levou à lenta abertura política e à democratização. Na PUC-Rio, como em toda a sociedade, os debates de idéias e os confrontos de posições políticas eram constantes.

Naquela manhã de março de 1980 diferenças e divergências foram suspensas para celebrar a vida de Oscar Romero, um homem corajoso e simples, capaz de falar a língua do povo e de lutar as lutas dos pobres. No salão inacabado era possível entrever uma utopia que “ergueu no patamar quatro paredes sólidas / tijolo com tijolo num desenho mágico”, como na poesia feita música por Chico Buarque. Não será a magia desse desenho que o papa que escolheu chamar-se Francisco propõe para a construção a ser erguida por todos nós?

Margarida de Souza Neves e Wendy Macintyre

Artigo publicado em 30/10/2013, edição 275 do Jornal da PUC



Vestibulandos no Maracanã.

1973. Fotografia Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

O vestibular unificado no Maracanã

“Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.”

(Futebol, de Carlos Drummond de Andrade)

A poesia de Drummond faz alusão às diferentes dimensões em que o futebol está presente e a possibilidade de uma partida com o Maracanã completamente lotado transformar cada um presente no estádio em técnico, juiz e jogador. A paixão brasileira pelo futebol encontra no Maracanã a sua materialização, o seu palco mais importante, onde sonhos, lendas, tragédias e glórias se concretizam. O palco de inesquecíveis confrontos também já deu lugar a outro tipo de competição, os vestibulares unificados.

Na década de 1960 os vestibulares foram unificados para cada aluno prestar uma única prova e concorrer a uma vaga em várias instituições. Criados com objetivo de forçar a adesão das universidades à Reforma Universitária, os conteúdos, as datas de aplicação das provas e as taxas de inscrição foram unificadas. Realizadas nas arquibancadas quentes e incômodas do estádio, vestibulandos das mais diversas origens se agrupavam, se misturavam e formavam quase uma grande torcida, que se aproximava de um verdadeiro domingo de clássico com desejos, aspirações e dúvidas, com a diferença que nos dias do vestibular a vontade de ver o clube campeão dava lugar ao sonho de ser aprovado.

Na foto que ilustra esta crônica, nota-se o ambiente de tensão entre os candidatos. Alguns aparecem com a mão na cabeça, outros contemplam a grandiosidade do Maracanã e grande parte está concentrada e curvada diante das suas pranchetas, item obrigatório nos vestibulares realizados nos estádios de futebol. Durante quatro horas vestibulandos resolviam questões e escreviam a redação, fiscais circulavam nas fileiras das arquibancadas. Era praticamente impossível colar, uma vez que as provas dos diferentes concursos eram entregues intercaladas. Para relaxar, alguns estudantes repousavam seus pés nas cadeiras da frente.

Os vestibulares no Maracanã podem ser encarados como uma grande partida de futebol. Nesses dias, os craques do campo inspiravam os craques das arquibancadas, eram dias em que ao invés de driblarem zagueiros e goleiros, driblavam as dificuldades e o desconforto, onde a concentração de um camisa 10 era necessária para resolver as questões da prova e, para aqueles que conseguissem realizar uma grande jogada, a frieza e a habilidade de um atacante, eram fundamentais para atingir a meta, o gol, a aprovação no vestibular.

Eduardo Gonçalves e Igor Valamiel

Artigo publicado em 25/11/2013, edição 276 do Jornal da PUC



Alunos e o Professor Pe. Francisco Röser S.J. (à direita, de óculos) operando o computador B-205 no Centro de Processamento de Dados da PUC-Rio. c. 1960. Fotografia desconhecido. Acervo do Núcleo de Memória.

Um ícone da PUC-Rio

A foto escolhida para essa edição comemorativa dos 50 anos da Pós-Graduação na PUC-Rio pertence a uma série que retrata alunos e professores, no início dos anos 1960, na sala do Centro de Processamento de Dados da PUC-Rio, que abrigava o Burroughs B-205, um sistema de computação para uso científico único no país no momento em que a própria informática como área acadêmica dava seus primeiros passos.

A grande e complexa máquina, cercada por olhos atentos dos jovens alunos e de um curioso Pe. Röser, professor e fundador do Instituto de Física, e que aparece debruçado sobre o console, serviu para o desenvolvimento dos primeiros projetos de pesquisa não somente de professores, alunos de graduação e dos pós-graduandos da PUC-Rio mas também foi utilizada em algumas das primeiras teses desenvolvidas em programas da COPPE/UFRJ na mesma época. Era utilizada igualmente

em projetos estratégicos de órgãos e empresas estatais como o Conselho Nacional de Pesquisa, a Comissão de Energia Nuclear, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Petrobras e os Ministérios do Exército, Marinha e Aeronáutica, membros do consórcio que viabilizou a aquisição do equipamento e sua instalação na PUC-Rio. Eram tempos presididos pela política desenvolvimentista levada a cabo pelo governo de Juscelino Kubitschek, bem expressa em um de seus discursos, proferido em 1956: “É que estamos em plena batalha do desenvolvimento, na luta pela aceleração do progresso do Brasil, numa hora positiva de recuperação do tempo perdido por nosso país”. A aquisição do B-205 foi uma das expressões da nova face do progresso anunciado.

De resto, o chamado “Cérebro Eletrônico” atraía a atenção da comunidade universitária por suas proporções, sua configuração futurista e suas operações indecifráveis aos comuns dos mortais que guardaram na memória suas luzes coloridas e piscantes, chamativas pelo fato do B-205 ter sido instalado em uma sala de vidro localizada nos pilotis do Edifício Cardeal Leme por onde passavam necessariamente todos os alunos, professores, funcionários e visitantes da Universidade.

Essa foto nos ajuda também a compreender, para além do significado objetivo deste sistema pioneiro nas universidades sul-americanas, o valor simbólico de que o B-205 se reveste e que confere a ele um lugar de destaque em nosso imaginário, uma poderosa representação da PUC-Rio para ela mesma, um ícone da memória, da identidade e dos projetos que esta Universidade quis e quer construir: uma particular fisionomia no conjunto das universidades brasileiras em sua profícua relação com o setor público e com o setor privado, sua preocupação com a internacionalização desde seus primeiros anos, o cuidado com a formação de alunos de todos os centros, seu pioneirismo e a excelência acadêmica que marca a relação orgânica do ensino e da pesquisa nesta Instituição.

Silvia Ilg Byington e Matheus Lima Targuêta

Artigo publicado em 06/12/2013, edição especial do Jornal da PUC sobre os 50 anos da Pós-Graduação na PUC-Rio

... moral. A palavra
que remete à força e da
para e justa medida, e mérito e
becloria.



Espaço Cultural Professor Aníto Brandão (2011)

Nas salas de aula da PUC-Rio, um professor destacou suas virtudes e a justa medida para desenvolver pesquisas e a publicação de livros. Nas palavras de Aníto Brandão, sua ex-aluna e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, "Brandão era um homem generoso". Aníto Brandão chegou em 1960 em Leitura e História da Literatura e cursou a graduação em Letras e História da Literatura e História da Literatura em 2006, para comemorar o homem que em sua homenagem foi inaugurado o curso de Letras.

... de Letras. Membro da Academia Brasileira de Letras, publicou dicionários etimológicos, obras didáticas e livros de cultura clássica. Sua biblioteca particular foi doada para a PUC-Rio e integra o acervo da Biblioteca Central. No livro "Teatro Grego: origem e evolução", publicado em 1980, Aníto Brandão assinou que o teatro na Grécia "embrigou-se do belo para celebrar o homem". Em 2006, a PUC-Rio inaugurou em sua homenagem o curso de Letras.



Missa por Dom Oscar Romero, arcebispo de El Salvador em 24/03/1980

'MUSP': PUC-Rio e compromisso social

"Em nome do Estado, pelos poderes legais e constitucionais que nos estão conferidos, pedimos desculpas por toda essa tristeza e por todo esse sofrimento". A foto escoretrata o momento no qual Paulo Abrão Pires Júnior, presidente da Comissão de Anistia e doutor em Direção pela PUC-Rio, durante a sessão solene de apreciação dos pedidos de reparação realizada no RDC.

Uma sala em construção. Um altar. Velas acesas. É um grande número de sacerdotes, entre os quais é possível reconhecer os padres Garcia Rubio, Alvaro Barreiro, Antonio Pereira e José Carlos de Lima Vaz. Não fosse a inscrição na faixa presa à parede inacabada, pouco mais saberíamos sobre a janela que a fotografia aqui impressa abre no tempo. Nela, as palavras do arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, ditas na véspera de um atentado a tiros.



Assembleia do MUSP. Direitos reservados ao autor.

"Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte"

EVANDRO TEIXEIRA/ACERVO DO AUTOR

...icas de Memória para Não Esquecer

Curso e a censura

FOTOGRAFIA DE CONHECIMENTO PESSOAL DE ALBERTO

... para maior parte da América Latina e internacional. As Caravanas pretendem ser de construção...



2014 | para não esquecer

Para não esquecer | 115

Uma caravana de memórias | 117

*"Quem cala sobre teu corpo consente
na tua morte."*

O discurso e a censura | 121

As universidades de portas fechadas | 123

Anchieta, o filme | 125

*Raul Amaro Nin Ferreira, | 127
"onde quer que ele esteja"*

Um voo rasante sobre a PUC-Rio em 1977 | 129

Quando a fé e a política se unem | 131

A PUC-Rio nas Diretas Já! | 133

Pra não dizer que não falei das flores | 135

De volta às ruas | 137



*Cinelândia: Passeata dos 100 mil. 26 de junho de 1968.
Fotógrafo José Inácio Parente. Acervo José Inácio Parente.*

Para não esquecer

Há lembranças que são dolorosas. Muitas vezes essa rememoração triste diz respeito, precisamente, ao que não deve ser esquecido. É o caso dos 21 anos que se seguiram ao golpe civil-militar que, há 50 anos, instaurou uma ditadura no Brasil. Com ela, não apenas a liberdade e a cidadania foram cerceadas, mas muitas vidas foram ceifadas, muitos corpos foram torturados, muitos sonhos foram truncados.

Em 2014 somos convidados a uma comemoração às avessas que aponta para a necessidade de viver o luto pelo que de arbítrio, violência e morte marcou o país há 50 anos. Serão inúmeras as oportunidades para refletir sobre os anos que se seguiram àquele 31 de março de 1964. Os livros sobre o tema já se multiplicam nas livrarias, assim como exposições, congressos, documentários, debates e iniciativas para fazer da justiça uma forma de redenção, tardia mas imprescindível, dessa memória sombria.

A foto escolhida para abrir essa série de crônicas de memória não é apenas um flagrante colhido pelo olhar sensível de José Inácio Parente, então estudante de psicologia da PUC-Rio, durante a passeata dos 100 mil. Ela é também o registro de uma utopia. Sobre a faixa que aparece no centro da fotografia alguém escreveu em letras garrafais: “*PUC: TERRITÓRIO LIVRE*”, mesmo sabendo que não podem existir territórios livres em um país sem liberdade.

Por dentro do campus da PUC-Rio passavam então – tal como passam hoje – todos os conflitos, todas as tensões, todas as contradições da sociedade, porque a Universidade não era – e não é – um planeta a parte. Mas isso não impediu então - como não impede hoje - que o desejo e o sonho encontrassem formas de expressão.

Com os poucos registros desses tempos difíceis que existem no seu acervo, o Núcleo de Memória pretende escrever, em 2014, uma série de crônicas sobre a PUC-Rio durante os anos da ditadura. Para não esquecer. Por dever de justiça para com o passado e por acreditar no direito à esperança no presente e no futuro.

Margarida de Souza Neves

Artigo publicado em 10/03/2014, edição 278 do Jornal da PUC



Sessão solene de homenagem aos perseguidos políticos na 61ª Caravana da Anistia, no auditório do RDC. 2012. Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

Uma caravana de memórias

"Em nome do Estado, pelos poderes legais e constitucionais que nos estão conferidos, pedimos desculpas por toda essa tristeza e por todo esse sofrimento". A foto escolhida para ilustrar o artigo retrata o momento no qual Paulo Abrão Pires Júnior, presidente da Comissão de Anistia e doutor em Direito pela PUC-Rio, durante a sessão solene de apreciação dos pedidos de reparação realizada no Auditório do RDC, profere a simbólica frase na qual o Estado brasileiro concede o direito à reparação e pede desculpas públicas e oficiais pelos erros cometidos no passado para mais uma família vítima da repressão seguida ao golpe-civil militar.

A 61ª Caravana da Anistia, realizada no *campus* da PUC-Rio entre os dias 14 a 17 de agosto de 2012, fez parte da “Conferência Internacional Memória: América Latina em perspectiva internacional e comparada”. As Caravanas de Anistia pretendem ser um espaço de construção do

direito à memória e à verdade por meio de sessões públicas itinerantes de avaliação dos pedidos de reparação moral e econômica de perseguidos pelo regime militar.

Mas como reparar o irreparável? Como relembrar histórias de dor e sofrimento que não cabem em palavras? Como reviver o luto de uma grande perda? Os testemunhos de perseguidos políticos, familiares e seus procuradores compartilhados publicamente são poderosos instrumentos de luta e de ação no presente para esclarecer episódios controversos e relembrar o que não deve ser esquecido. As palavras assumem a função de suportes da memória afetiva e familiar diante da ausência e do desaparecimento de um ente querido.

A PUC-Rio consciente da importância para a abertura ao debate das tensões e contradições que marcam a sociedade brasileira, acolheu a Caravana da Anistia em seu *campus* por acreditar que a democracia é construída no diálogo e na defesa da livre expressão sobre os erros cometidos no passado para que eles não venham a se repetir no futuro. O direito à verdade e à justiça é condição fundamental na luta contra o esquecimento.

Eduardo Gonçalves

Artigo publicado em 01/04/2014, edição 279 do Jornal da PUC



A cavalaria investe contra os civis na saída da missa pelo estudante Edson Luis, na Igreja da Candelária. 04/04/1968. Fotografia Evandro Teixeira. Acervo do autor.

"Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte."

O título deste artigo é um trecho de uma canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, composta em memória de Edson Luis, estudante secundarista morto pela repressão, em 28 de março de 1968. Foi assassinado enquanto se preparava um protesto contra as péssimas condições do restaurante estudantil, o Calabouço. Coincidentemente, a missa de sétimo dia do estudante paraense, realizada no dia 04 de abril de 1968, ocorreu no mesmo dia do assassinato do ativista norte-americano Martin Luther King, militante na defesa dos direitos civis da população negra e que enxergava na não violência uma forma de reivindicação eficaz.

Na foto cedida por Evandro Teixeira para esta coluna está registrado o momento de barbárie e horror que sucedeu à missa de sétimo dia de Edson Luis. A morte do estudante tornou-se um símbolo contra a

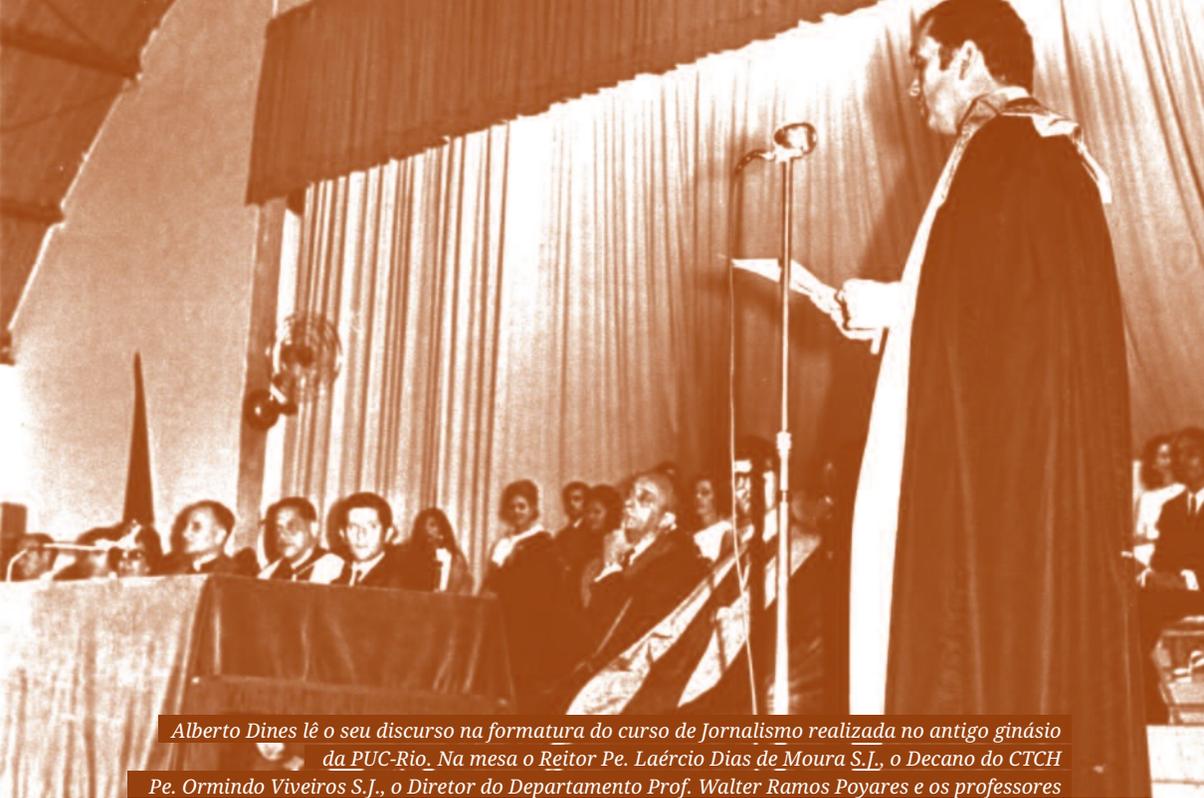
opressão e evidenciava a violência praticada pelo regime militar. No dia da missa compareceram centenas de estudantes, mães, artistas e intelectuais, alguns deles da PUC-Rio, transformando o rito fúnebre em ato de resistência contra o regime. Enquanto a cerimônia acontecia, já se podia ouvir a movimentação de policiais militares, soldados e o som estremecedor do helicóptero que sobrevoava a Igreja da Candelária.

Dispersar a multidão era o objetivo da tropa, e aqueles que saíam da igreja eram encurralados e espancados. No término da missa, como se inspirados pela futura canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, os padres que celebraram a missa tomaram partido do povo e deram-se os braços, formando um cordão de isolamento entre a truculência da polícia e a população indefesa.

O que era para ser respeito e reverência a um companheiro injustamente morto transformou-se em desrespeito e violência contra a população. Até mesmo o direito à lembrança pareceu estar ameaçado. Porém, ninguém pode impedir a memória, que não se cala diante daquele corpo, nem consente no silêncio sobre a nossa história.

Igor Valamiel

Artigo publicado em 02/05/2014, edição 280 do Jornal da PUC



Alberto Dines lê o seu discurso na formatura do curso de Jornalismo realizada no antigo ginásio da PUC-Rio. Na mesa o Reitor Pe. Laércio Dias de Moura S.J., o Decano do CTCH Pe. Ormino Viveiros S.J., o Diretor do Departamento Prof. Walter Ramos Poyares e os professores Arnaldo Niskier e José Henrique de Carvalho.

20/12/1968. Fotografia desconhecido. Acervo pessoal de Alberto Dines.

O discurso e a censura

Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38°, em Brasília. Mín.: 5°, nas Laranjeiras. (Jornal do Brasil, 1ª página, 14/12/1968. Texto publicado no box que usualmente trazia os dados meteorológicos.)

Em 20/12/1968 houve a formatura da primeira turma do curso de Jornalismo da PUC-Rio que se graduou em separado à Faculdade de Filosofia. Consolidava-se a Reforma Universitária; haviam sido criados na Universidade os departamentos, entre eles o de Comunicação Social.

A turma, formada em plena ditadura, refletiu o seu tempo em suas escolhas: o patrono da turma foi Dom Helder Camara, figura de destaque pelo enfrentamento à ditadura e que fora professor da PUC-Rio. O para-

ninfo foi o jornalista Alberto Dines, professor do curso de Jornalismo desde 1963, no qual criou as disciplinas de Jornalismo Comparado e de Teoria da Imprensa. Era então editor-chefe do Jornal do Brasil (JB), trabalhara, entre outros, no jornal Última Hora e na revista Manchete. Desde 1994 dirige o Observatório da Imprensa.

Na noite em que foi anunciado o AI-5, em 13/12/1968, militares ocuparam as redações dos jornais para implantar a censura prévia. No JB revisaram as provas do jornal na sala do editor-chefe, Dines. No entanto foi impressa uma edição diferente da aprovada, propositalmente estranha, para “avisar ao leitor” de que havia algo errado: classificados invadiram as páginas do primeiro caderno, fotos apareceram fora de contexto. Em consequência, o jornal foi proibido de circular no dia 15/12/1968. Logo os jornais assumiram com o Governo um compromisso de autocensura com consequências até mais insidiosas do que a censura explícita e externa, ao introjetar nos jornalistas restrições que só ao longo dos anos foram rompidas.

O convite a Alberto Dines para ser paraninfo ocorrera muito antes da edição do AI-5. Agentes do Serviço Secreto da Marinha estiveram presentes durante a cerimônia de formatura e gravaram o discurso no qual Dines criticava duramente a censura aos jornais. Dois dias depois ele foi chamado a depor na Polícia Federal e preso na Vila Militar por alguns dias. A formatura foi registrada normalmente nos eventos no Anuário da PUC-Rio de 1968 e uma foto, com Dines na mesa ao lado do Reitor, publicada na seção sobre o Departamento de Comunicação Social.

Nem sempre as cerimônias de formatura são previsíveis e com significados restritos ao universo acadêmico.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 20/05/2014, edição 281 do Jornal da PUC



Projeção na sala do Conselho Universitário.

Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória.

As universidades de portas fechadas

As contradições que marcaram a sociedade durante os 21 anos que se seguiram ao golpe civil-militar passaram por dentro dos *campi* das universidades brasileiras. Em razão de suas ideias políticas, alunos e professores foram perseguidos, expulsos, presos e torturados; alguns professores foram aposentados compulsoriamente e outros exonerados; cursos encerrados; verbas de pesquisa cortadas.

O expurgo de professores ocorreu mais sistematicamente em 1964 e 1969, após a promulgação do AI-5 e do decreto 477, instrumento de repressão voltado para a educação que permitiu as expulsões dentro das universidades públicas sem nenhuma defesa prévia.

A liberdade estava cerceada e a PUC-Rio não passou incólume pelos conflitos desse período. Alguns militares eram professores dos cursos de Engenharia do recém-criado CTC e em todos os Centros havia quem

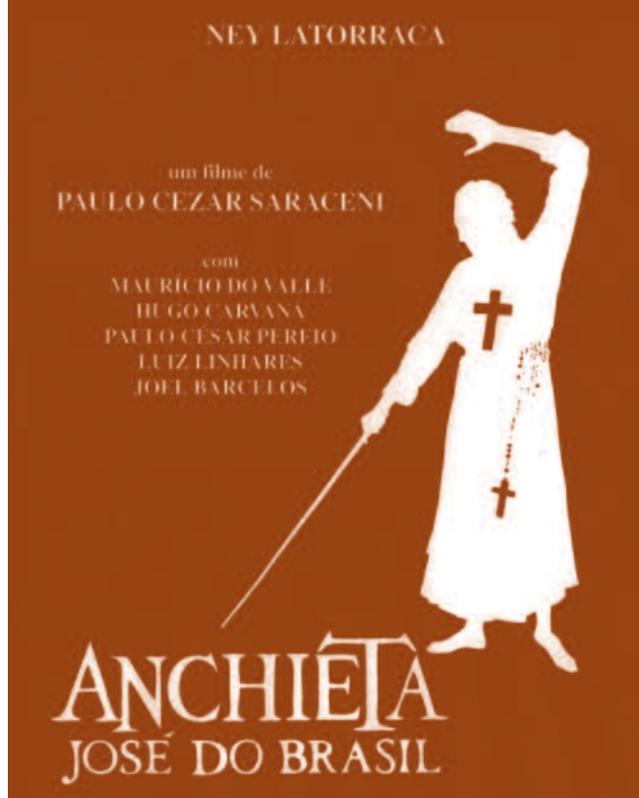
apoiasse a ditadura, o que aumentava a pressão para que, também nesta Universidade, o decreto fosse colocado em prática. A PUC-Rio acolhera alguns professores das universidades federais, sobretudo da UFRJ. Tal decisão acirrou conflitos internos.

Em depoimento, o professor Carmelo, do Departamento de Educação, relata a “sessão memorável” do Conselho Universitário, ocorrida no início de 1969. Alguns conselheiros defendiam a suspensão dos contratos dos docentes oriundos da UFRJ. O consenso parecia impossível. Paulo de Assis Ribeiro, Assessor de Planejamento da Reitoria, ligou o retroprojetor e argumentou: “a doutrina social da igreja é como este foco: há posições mais centrais, mais à esquerda e à direita; acima ou abaixo. Entretanto, desde que esteja dentro deste foco de luz, está de acordo com a doutrina. Não há, portanto, condição de se afastar um professor e pesquisador da PUC por razões do AI-5, sempre que suas opções políticas se coloquem dentro do foco abrangente da doutrina social da igreja”. Após intenso debate, o Conselho Universitário decidiu manter os professores.

Os tempos difíceis não impediram que a solidariedade e o sonho de dias melhores encontrassem formas de expressão.

Eduardo Gonçalves e Namíbia Rodrigues

Artigo publicado em 02/06/2014, edição 282 do Jornal da PUC



Cartaz do filme Anchieta, José do Brasil, lançado em 1978.

Capa do DVD comercial, Versátil Home Vídeo.

Anchieta, o filme

Em 22 de junho de 1980 o Padre Anchieta foi beatificado pelo Papa João Paulo II, uma das etapas do processo de canonização efetivado em 2014. A PUC-Rio iniciou as comemorações da beatificação em 9 de junho de 1980, Dia Nacional de Anchieta, instituído em 1965 pelo Presidente Castelo Branco. Houve eventos artísticos e acadêmicos, como palestras e a exibição de filmes seguidos de debates.

Um dos filmes foi “Anchieta, José do Brasil”, de Paulo César Saraceni, exibido no Cine Rio Sul, pequeno cinema que existia no Shopping da Gávea. Estiveram no debate professores dos departamentos de História, Letras e Comunicação Social, e o Reitor Pe. João Augusto Mac Dowell S.J.

Saraceni fora um dos proponentes do Cinema Novo, tendo filmado o longa “O Desafio” no calor do momento, logo após o Golpe de 1964. O diretor o considerava “um filme-guerrilha”. Nos anos seguintes e especialmente após o AI-5 o cinema sofreu com a Censura. Filmes foram impedidos de serem exibidos ou mutilados.

Em 1969 foi criada a Embrafilme, que financiava a produção nacional e tentava enquadrá-la às diretrizes do Governo federal: ênfase em temas nacionais, na imagem positiva do Brasil, evitando-se temas controversos e de crítica às instituições. Neste contexto o filme-símbolo foi “Independência ou Morte”, de 1972, que reforçava a figura de Dom Pedro I como herói nacional, sempre vestido em roupas militares. Este filme foi sucesso de público e elogiado pelo Presidente Médici.

A Embrafilme criou uma verba específica para o financiamento de filmes históricos, cujos roteiros teriam que ser aprovados pelo MEC. A produção de “Anchieta, José do Brasil”, iniciada em 1975, recebeu recursos superiores à média dos filmes brasileiros à época e gerou muitas expectativas. A figura de Anchieta, o “Apóstolo do Brasil”, visto como construtor da nacionalidade e da integração harmônica entre brancos, negros e índios, era valorizada pelo regime político vigente.

Saraceni faz um “poema épico em que se misturam história, mitologia e lendas.” Disse ter se inspirado no religioso espanhol dom Pedro Casaldáliga, radicado no Brasil e ligado à Teologia da Libertação. Para o papel-título Saraceni escolheu o ator Ney Latorraca, que fazia então sucesso nas novelas da TV. Queria atrair o grande público, embora não fizesse concessões na linguagem cinematográfica: o filme tem 140 minutos, com longas cenas contemplativas, alegóricas e com montagem não-linear, características do Cinema Novo.

O filme não teve o sucesso de público esperado e recebeu muitas críticas, mas principalmente não teve o apoio oficial para divulgação que se previa, com larga distribuição e exposições em escolas: não era a “história como se queria”, era um Anchieta “catequizado pelos índios, em vez de catequizador”, a inversão do papel do colonizador frente ao colonizado. Nas universidades o filme foi discutido num contexto em que se iniciava o processo de redemocratização, com a Anistia e a reestruturação do sistema partidário.

Uma releitura do filme hoje permite identificar o que permanece e o que muda nas relações entre arte, Estado, história e construção de identidades, e entender o que significava a produção de um filme histórico naquele momento vivido pelo Brasil.



Raul Amaro Nin Ferreira na Serra da Bocaina. s.d. Fotógrafo desconhecido.

Foto cedida por seu irmão, Miguel Nin Ferreira.

Raul Amaro Nin Ferreira, “onde quer que ele esteja”

Mães são capazes de tudo para confortar um filho que sofre. É isso o que mostra a carta escrita por Mariana Lanari Ferreira, mãe de nove filhos, quando Raul, o mais velho, foi preso na noite de 1º de agosto de 1971. Em carta escrita ao Coronel Homem de Carvalho, ela deixa perceber sua angústia quando pede ao então comandante da Polícia Especial que entregue ao filho, “onde quer que ele esteja”, um embrulho que, além de roupas, faria chegar a ele seu carinho.

Raul tinha 27 anos, formara-se em Engenharia Mecânica pela PUC-Rio, estava noivo e acabava de ganhar uma bolsa de estudos para a Holanda. Detido durante uma batida policial, foi considerado suspeito por ter em seu carro esboços de dois mapas, um deles do caminho para o apartamento que alugara em Santa Teresa, onde a polícia encontrou mimeógrafos e material de propaganda de um grupo político, guardados ali a pedido de um amigo.

Enquanto esteve preso, a família moveu céus e terras para localizá-lo. Nem mesmo o fato de seu caso ter sido levado ao conhecimento de Ministros de Estado fez que tivessem dele qualquer notícia.

No dia 12 de agosto o corpo de Raul, com evidentes marcas de tortura, foi entregue à família. Os registros oficiais da *causa mortis* são divergentes. Em alguns consta “edema pulmonar”, em outros, “embolia” e “ataque cardíaco” ou apenas a palavra “morto”. O que foram os dias de prisão, torturas e morte está amplamente documentado no site armazemmemoria.com.br e no Relatório feito por sua família.

Foram muitos os jovens que tiveram o mesmo destino de Raul nos duros tempos da ditadura. Mas ele é o único ex-aluno da PUC-Rio morto sob tortura pelas mãos do Estado Brasileiro. Por isso, no dia 2 de junho de 2014, data de seu aniversário, o C.A. de História fez uma homenagem a Raul e plantou no campus uma muda da mesma árvore que existia no jardim de sua casa. À sombra desta árvore, foi inaugurada uma placa para que sua memória permaneça sempre na universidade. “Onde quer que ele esteja”, que Raul saiba que nunca será esquecido na PUC-Rio.

**Thaís Lacerda Queiroz Carvalho
e Margarida de Souza Neves**

Artigo publicado em 25/08/2014, edição 283 do Jornal da PUC

Um voo rasante sobre a PUC-Rio em 1977

Uma imagem pode simbolizar um contexto que buscamos compreender. É o caso da foto que registra um helicóptero da Polícia Civil em voo rasante sobre a Vila dos Diretórios, rente ao segundo andar da Ala Frings, em maio de 1977 quando os pilotes da PUC-Rio testemunharam a maior manifestação estudantil da história da Universidade.

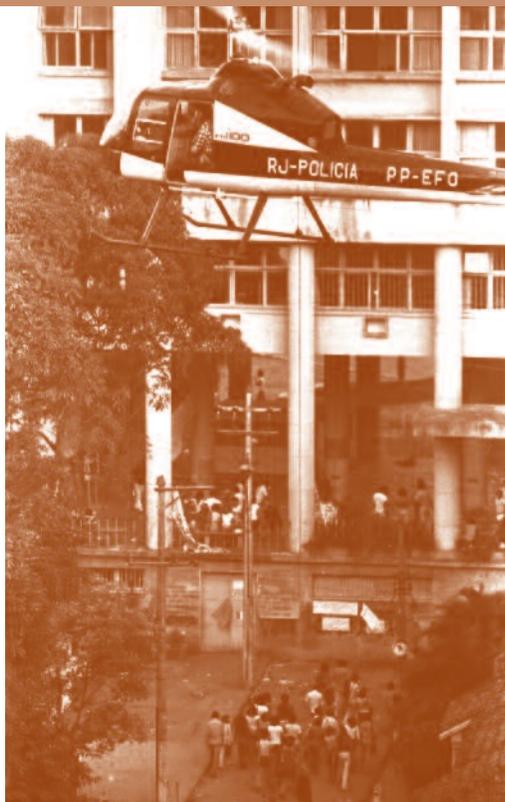
Desde o início do ano, os *campi* universitários foram ocupados pelos estudantes em greve por melhores condições de ensino, contra aumentos nas mensalidades e pela reorganização de suas entidades representativas consideradas ilegais pela ditadura. No entanto, como uma mudança de rumos do movimento estudantil em relação à década anterior, a pauta de reivindicações a partir de 1977 incorporou demandas políticas e sociais amplas como salário e emprego e fortaleceu o tema que catalisaria as esperanças pela redemocratização do país, a anistia política.

Convocada para o dia 10 de maio, a manifestação que se somava a tantas outras no calendário estudantil daquele ano, tornou-se a mais expressiva delas. Contou com grande participação da comunidade acadêmica, das representações estudantis de vários estados, políticos, líderes sindicais, familiares de presos, desaparecidos e exilados. Reuniu, segundo a grande imprensa, cerca de 7 mil participantes. Autorizado pela Reitoria, o protesto provocou forte reação das forças policiais que isolaram a Gávea e demonstraram ostensivamente seu poder de coerção, como na cena registrada acima.

O protesto e a fotografia que o retrata nos permitem compreender o contexto dos 1970s pela perspectiva do conflito e da repressão política. Da mesma forma, indicam que a universidade pode estar comprometida com as aspirações por ele geradas em favor de uma sociedade mais democrática.

Silvia Ilg Byington e Yasmin Getirana

Artigo publicado em 22/09/2014, edição 284 do Jornal da PUC



Helicóptero da Secretaria de Segurança Pública sobrevoa o campus da PUC-Rio durante manifestação estudantil em 10/05/1977. O bloqueio policial isolou o bairro da Gávea e provocou engarrafamentos na cidade. Acervo CPDocJB, fotografia Equipe JB.



Dom Helder Camara e Heráclito Fontoura Sobral Pinto, professores fundadores da PUC-Rio, na cerimônia em que receberam o título de Doutor Honoris Causa. 22/03/1991. Fotógrafo Eurico Dantas. Acervo Agência O Globo.

Quando a fé e a política se unem

Após os difíceis anos da ditadura o país vivia a retomada do processo democrático, consolidado com a Constituição de 1988 e as eleições diretas para Presidente. Em 1991 a PUC-Rio comemorou com diversos eventos os 50 anos da instalação dos cursos nas Faculdades Católicas. Para simbolizar esse período importante para a Universidade e para o país, dois professores fundadores foram escolhidos pelo Reitor da PUC-Rio, Pe. Laércio Dias de Moura S.J., para receberem o título de Doutor *Honoris Causa*. Os homenageados, o Arcebispo Emérito de Olinda e Recife Dom Helder Pessoa Camara e o advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto, eram figuras notáveis pela denúncia e luta contra os crimes cometidos pelo governo militar e pela defesa da democracia durante a ditadura.

Helder Camara e Sobral Pinto tornaram-se amigos nos anos 1930, aproximados pela ativa participação nas questões religiosas e sociais

que permearam suas vidas. Conviveram nas instituições católicas e tiveram interlocutores em comum. Nas Faculdades Católicas, Sobral atuou na Faculdade de Direito desde a primeira turma em 1941, e o Padre Helder na Faculdade de Filosofia desde 1942. Os dois se afastaram formalmente da Universidade em 1964, mas continuaram a ser convidados a fazer palestras e foram patronos de formandos. Junto a intelectuais como Alceu Amoroso Lima e San Tiago Dantas ressaltam a PUC-Rio como espaço de atuação de humanistas cristãos responsáveis por formar no Brasil um pensamento católico democrático.

A escolha de Sobral e Helder naquele momento histórico é significativa. Perseguidos e silenciados, tornaram-se símbolos da retomada das instituições democráticas nos anos 1980. Em 1991 foram homenageados pelos seus esforços de fazer valer as prerrogativas de democracia e direitos humanos em um país que apenas começava a curar as suas feridas.

Matheus Targuêta e Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em 10/10/2014, edição 285 do Jornal da PUC



Estudantes, professores e funcionários da PUC-Rio na manifestação das Diretas Já, em 10/04/1984.

Fotógrafo Eduardo Jardim. Acervo Prof. Eduardo Jardim (FIL).

A PUC-Rio nas Diretas Já!

Em 2014 comemoram-se os 30 anos do maior movimento popular da história do Brasil: a campanha das Diretas Já. O Regime Militar que governava o país há 20 anos estava enfraquecido. Críticas de corrupção, denúncias de torturas e violência, a crise econômica e a alta da inflação criaram um panorama agravado pela impossibilidade do voto direto para presidente. A perspectiva trazida pela votação da Emenda Constitucional do deputado federal Dante de Oliveira, que propunha as eleições diretas, acirrou o clamor das manifestações que tomaram ruas e praças das cidades brasileiras em 1984.

O movimento se espalhou por várias cidades e instituições brasileiras e a PUC-Rio participou ativamente deste momento político. No dia da grande manifestação a Associação de Funcionários (AFPUC) e a Associação de Pós-Graduandos (APG) mobilizaram funcionários e alunos.

2014

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) saiu do *campus* com faixas em passeata pela rua Marquês de São Vicente. Professores afiliados à Associação de Docentes (ADPUC), órgão criado para dialogar e negociar com a direção da Universidade, incorporaram suas pautas às demandas da sociedade. Com faixas e dizeres como “Liberdade de Expressão PUC” e “Diretas Já PUC”, eles se juntaram às mais de um milhão de pessoas que clamavam na Candelária por mudanças, eleições limpas e diretas, pela volta do regime democrático e o fim da ditadura.

Os anseios do movimento estudantil, dos docentes e funcionários ultrapassaram os muros da PUC-Rio e se juntaram às inúmeras vozes que lutavam por uma sociedade mais igualitária, livre e democrática. Suas reivindicações foram parcialmente atendidas. Apesar da emenda não ter sido aprovada, em 1985 o poder civil foi restaurado com a eleição, ainda que indireta, de um novo presidente. O tempo dos governos militares se encerrava.

Eduardo Gonçalves e Fabio Cano

Artigo publicado em nov/2014, edição 286 do Jornal da PUC

Dia Olímpico: as vitórias da PUC

O Judo e o basquetebol foram as equipes que mais se destacaram no Dia Olímpico da PUC. As finalizações em primeiro lugar e o Judo em terceiro.



Flordo Campus dá a luz

Depois de um longo período de gestação, o Flordo Campus nasceu em maio de 1985. O primeiro número foi lançado em maio de 1985.

A FESTA DA GREVE QUE NÃO HOVE

Quando a greve dos funcionários da PUC, houve a realização de uma reunião de organização e mobilização - aliás, um lance curioso em nossa Universidade - que ocorreu no dia 25 de maio.



ULTRAJE A RIGOR

Entrevista com o líder do grupo de São Paulo, com o jornalista e jornalista. Rigorosamente proibido para maiores de 18 anos de idade. Nesta ultrajante reportagem, Roger, Laopa, Maurício e Carlúcia se

revelam um bando de rebeldes sem causa, e não se merecem sequer uma gota de água. Você nunca viu uma coisa assim tão

Os 'atípicos' de Engenharia

Para fazer Engenharia, mulher tem que ser muito macho. Engenharia tem que ser muito homem para alcançar o sucesso de Carlos e Roger. Tem grande que se livra de doenças, hospital e dor de cabeça. Deve ser paciente: toda engenharia é um desafio! Ou não?

Sarney e os enigmas

Após 30 dias, voltando para trás e para frente, Sarney não conseguiu sair do impasse. Depois de 30 dias, Sarney não conseguiu sair do impasse. Depois de 30 dias, Sarney não conseguiu sair do impasse. Depois de 30 dias, Sarney não conseguiu sair do impasse.

Cristóvão



Nossos redatores no Sara



Verbas e votos

Selas separadas, falta ao equipamento, para os engenheiros desarmados, eis o quadro do Departamento de Comunicação. Mas alguns alunos não estão felizes para ajudar esse estado de coisas, e muitos outros não estão felizes para ajudar esse estado de coisas.

Table with multiple columns and rows, likely a list of names or a directory of editors/writers.

Jornal Flor do Campus, Ano III, nº 11, maio de 1985. Acervo da Professora Lilian Saback.

Pra não dizer que não falei das flores

A canção de Geraldo Vandré, apresentada no Festival Internacional da Canção de 1968, tornou-se sinônimo de resistência durante a ditadura civil-militar. Ainda que tenha perdido o primeiro lugar para Sabiá, de Tom Jobim e Chico Buarque, foi aclamada por crítica e público e, proibida pela repressão, fez florescer sementes de rebeldia e protesto. Talvez o Jornal Flor do Campus, publicação dos alunos do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, tenha nascido como uma herança dessa floração.

O Jornal foi fundado na década de 1980 quando o país caminhava em direção à redemocratização e a PUC-Rio vivia fortes tensões internas que muitos viam na contramão deste movimento.

O Flor do Campus foi assumido pelos alunos como uma trincheira na luta por melhores condições do Departamento de Comunicação e pela gestão mais participativa da Universidade. A atuação do Professor

Fernando Ferreira, supervisor do Jornal, tornou possível essa empreitada difícil que permitiu que o Flor se tornasse escola de grandes profissionais da imprensa tais como Cristina De Luca, jornalista d'O Globo; Arthur Dapieve, colunista do mesmo jornal e professor da PUC-Rio, e Lilian Saback, Assessora de Comunicação da Reitoria e professora da Universidade, todos, na época, alunos de graduação.

Ao folhear os números conservados no acervo da Professora Lilian Saback, salta aos olhos a capacidade do Jornal de manter uma pauta abrangente e de atualidade nacional e internacional; de tratar com acuidade temas que eram tabu tais como a AIDS, a discriminação e a homossexualidade; de lutar aguerridamente, mas sem perder o humor, por melhores condições e equipamentos para o Departamento de Comunicação e de enfrentar com coragem as questões internas da PUC-Rio tais como as disparidades entre os três Centros e a participação nos órgãos colegiados.

O exame atento do expediente do Jornal mostra que era um grupo não muito numeroso de alunos que assumia as principais tarefas. Os nomes se repetem no Conselho de Redação, diagramação, produção fotográfica, revisão gráfica e divulgação, tarefas que tornavam viável a publicação. Único docente entre os que compunham a redação, o Professor Fernando Ferreira foi, segundo o Professor Miguel Serpa Pereira, o grande responsável pela liberdade que sempre pautou aquelas páginas.

Para os que viveram os complexos anos 1980 na PUC-Rio, é bom recordar que em meio a tensões e crises, floresceu na Universidade essa Flor do Campus.

Margarida de Souza Neves e Yasmin Getirana

Artigo publicado em 2014, edição 287 do Jornal da PUC



Alunos da PUC-Rio na Vila dos Diretórios, prontos para a passeata no Centro do Rio em 20/06/2013.

Fotógrafo Antônio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

De volta às ruas

Em 2013, manifestações em todo o Brasil anteciparam-se ao marco simbólico dos 50 anos do Golpe de 1964. O protesto não se referia a uma questão ou inimigo único, como foi a Ditadura, mas a um contexto em que a desilusão com a política tradicional e com os políticos em geral era a tônica. Previa-se que em 2014 as manifestações voltassem com a mesma força. Talvez pela violência que ocorreu de todos os lados, ou pela captura pelos partidos das bandeiras deflagradas, ou ainda pela mobilização com a Copa do Mundo, isso não aconteceu. Talvez porque movimentos vêm e vão e os momentos nunca se repetem. Mas ficam as marcas.

Durante aqueles meses de 2013 a PUC-Rio foi tomada pela agitação dos estudantes e pelo debate acadêmico que tentava entender o que acontecia “no calor da hora”, com eventos ocupando os pilotis e os auditórios da Universidade, como nos debates do “Movimento da Hora Presente” ou no “Balanço das Jornadas de Junho”.

No dia 20 de junho manifestações espalharam-se por todo o país. O *campus* fervilhava com relatos sobre as passeatas e a repressão policial. Neste dia a Vila dos Diretórios foi ocupada por alunos mobilizados para o protesto no Centro do Rio. Eles pintaram rostos e cartazes, alguns ecoando frases de outros tempos, como “PUC território livre” e “Afasta de mim esse cálice”. Uma diferença notável nestas manifestações em relação, por exemplo, às de 1968, foi a quase ausência de identificação sobre a qual universidade ou centro acadêmico pertenciam.

Os dias de agitação aos poucos passaram, algumas marcas foram apagadas ou cobertas com tapumes, mas a força das vozes e da presença física nas ruas fez o processo político avançar, as redes sociais na Internet ampliaram a sincronia com o que acontecia no mundo, e a universidade, mais uma vez, foi espaço de ideias, atos e emoções.

Clóvis Gorgônio

Artigo publicado em publicado em dez/2014, edição 288 do Jornal da PUC

Créditos

ORGANIZADORES E AUTORES DE TEXTOS

- Profa. Margarida de Souza Neves, Professora Emérita do Departamento de História (PUC-Rio), Coordenadora Acadêmica do Núcleo de Memória

- Silvia Ilg Byington, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura (PUC-Rio), Coordenadora de Pesquisa do Núcleo de Memória

- Clóvis Gorgônio, Mestre em Ciência da Informação, Pesquisador do Núcleo de Memória

- Eduardo Gonçalves, Mestre em História (PUC-Rio), Pesquisador do Núcleo de Memória

AUTORES DE TEXTOS

- Elisabeth Melo Cordeiro, Bacharel em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2009 e 2011

- Igor Valamiel Fialho Martins, Graduando em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2012 e 2014

- Matheus Lima Targuêta, Graduando em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória desde 2013

- Namíbia Rodrigues, Graduanda em Ciências Sociais (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2013 e 2014

- Juliana Cordeiro de Farias, Mestre em História (UFF), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2007 e 2012

- Luciana dos Santos, Bacharel em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2007 e 2011

- Fabio Cano Gómez, Graduando em Relações Internacionais (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória desde 2014

- Paloma da Silva Brito, Mestre em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2010 e 2011

- Pedro Fraga Vianna, Graduando em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2011 e 2013

- Priscila Sobrinho de Oliveira, Graduanda em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2012 e 2013

- Reinan Ramos dos Santos, Graduando em História (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2012 e 2013

- Profa. Rejan R. Guedes-Bruni, Diretora do Departamento de Biologia da PUC-Rio

- Roberto Cesar Silva de Azevedo, Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Pesquisador do Núcleo de Memória entre 2010 e 2012

- Thaís Lacerda Queiroz Carvalho, Graduanda em Relações Internacionais (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2013 e 2014

- Wendy L. S. Macintyre R. Soares, Graduanda em Relações Internacionais (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória entre 2013 e 2014

- Yasmin Getirana, Graduanda em Relações Internacionais (PUC-Rio), Bolsista de IC do Núcleo de Memória desde 2014

O fotógrafo Antônio Albuquerque faz parte da equipe do Núcleo de Memória desde 2008 e é autor de diversas fotos utilizadas nas crônicas.

Agradecimentos

Agradecemos especialmente às seguintes instituições e acervos pela cessão de uso de imagens sob sua guarda:

Projeto Comunicar da PUC-Rio

Agência O Globo

Arquivo Nacional

CPDoc JB (Jornal do Brasil)

Fotógrafo Evandro Teixeira

Fotógrafo José Inácio Parente

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França.

E às diversas pessoas que cederam documentos de seus acervos particulares, citadas nos créditos das imagens.

NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

Vice-Reitoria Para Assuntos Acadêmicos

Rua Marquês de São Vicente, 225

Edifício Cardeal Leme, sala 263L, Gávea

Rio de Janeiro, CEP: 22451-900

Tel: 55 (21) 3527-1661

nucleodememoria@puc-rio.br

www.puc-rio.br/nucleodememoria

PUC
RIO



Núcleo de Memória
da PUC-Rio